

2

O jovem como *locus* teológico da esperança cristã

Este capítulo tem como objetivo olhar os jovens a partir dos documentos da Igreja, com a finalidade de perceber de que forma esses são vistos pelo Magistério eclesiástico e assim compreender sua importância no cenário eclesial. Veremos que os jovens ocupam espaço significativo nas preocupações eclesiais. Tomamos como ponto de apoio a afirmação da conferência episcopal de Puebla, ocorrida em 1979, quando afirma serem os jovens opção preferencial da Igreja (cf. DP, n. 1186). Percorrendo diversas afirmações, principalmente pontifícias, é notório que a Igreja deposita nos jovens sua esperança, que os têm como possibilidade de futuro para a evangelização, e que inúmeras vezes assim os convoca, como no exemplo que encontramos na carta endereçada aos jovens após a realização do Concílio Vaticano II:

É finalmente a vós, rapazes e moças de todo o mundo, que o Concílio quer dirigir a sua última mensagem - pois sereis vós a recolher o facho das mãos dos vossos antepassados e a viver no mundo no momento das mais gigantescas transformações da sua história, sois vós quem, recolhendo o melhor do exemplo e do ensinamento dos vossos pais e mestres, ides constituir a sociedade de amanhã: salvar-vos-eis ou perecereis com ela¹.

Na atual conjuntura podemos compreender que a esperança depositada nos jovens refere-se a esses em suas mais variadas realidades. Uma esperança verdadeiramente cristã, que se interessa no futuro do evangelho por primeiro interessar-se no presente e no futuro do ser humano, na vida de milhares de jovens que necessitam de esperança para continuar vivendo e com vida em abundância (cf. Jo 10,10) poder anunciar os valores do Reino a toda humanidade. No decorrer deste primeiro capítulo veremos que a Igreja vê nos jovens um lugar teológico da esperança, e além de reconhecê-los como local de esperança, os compreende necessitados da esperança que o cristianismo gratuitamente oferece a todos, que é o Cristo, permitindo que o projeto do Reino se realize em toda a humanidade.

Seguiremos nosso trabalho discorrendo sobre a visão da Igreja diante de tamanha diversidade juvenil, tendo como ponto de partida o Concílio Vaticano II

¹ PAULO VI, *Mensagem aos jovens na conclusão do Concílio Vaticano II*, 08 de dezembro de 1965, Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani_po.html, Acesso em: 03 jan. 2014.

e suas expressões mais diretas acerca do público em questão. Nesta etapa não temos a intenção de enfatizar lacunas nos documentos conciliares, mas explicitar que os mesmos não descartaram a importância dos jovens em suas preocupações pastorais, claramente expressas nas palavras de Paulo VI ao dirigir-se a eles na mensagem de 08 de dezembro de 1965 por ocasião da conclusão do Concílio.

Na continuidade do capítulo, delimitaremos nossa pesquisa nas conferências episcopais latino americanas de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, por serem posteriores ao Concílio Vaticano II, e por entendermos que por essa razão, tenham maiores condições de aprofundar as linhas conciliares acerca da temática em foco. Não seremos exaustivos em cada uma das conferências, ou seja, não discorreremos sobre cada número que faz menção a Igreja e aos jovens, queremos apenas indicar que esses documentos reconhecem e se preocupam com as novas gerações como local teológico da esperança cristã, e necessitados dessa mesma esperança para bem viver. Por fim, elegemos as palavras do Papa Francisco como fonte de reconhecimento das juventudes como esperança de presente e futuro da Igreja. Fizemos essa opção em função da esperança que renasce na Igreja, conforme muitos afirmam², mediante o pontificado do Papa Latino Americano, e também por suas palavras referentes aos jovens terem sido proferidas durante a Jornada Mundial da Juventude ocorrida no Rio de Janeiro no ano de 2013.

Assim, nas linhas do DAp, temos a esperança de que a Igreja veja em todas as juventudes um espaço necessitado de cuidado com a vida (cf. DAp, n. 65) e, ao mesmo tempo, a esperança de neles reconhecer os discípulos missionários dos quais tanto necessita. Prossigamos na tentativa de compreender a quais jovens estamos nos referindo.

2.1. O jovem na ótica do Concílio Vaticano II

De acordo com H. Gonçalves³ o interesse social por assuntos relacionados às juventudes é cíclico, e está geralmente associado a situações caracterizadas por

² Ver: AMADO, J. P.; FERNANDES, L. A. (orgs.), *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*, Rio de Janeiro, Paulinas, PUC-Rio, 2014. SILVA, J. M. (org.), *Papa Francisco, perspectivas e expectativas de um Papado*, Petrópolis, Vozes, 2014. PASSOS, J. D.; SOARES, A. M. L. (orgs.), *Francisco, renasce a esperança*, São Paulo, Paulinas, 2013.

³ GONÇALVES, H. S., *Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade*, n. 02.

crises e conflitos. P. Singer nos dirá que se trata de um enfoque recorrentemente negativo que desponta de tempos em tempos e não tem propriamente os jovens como centro de seus interesses. As crises e os excessos, os conflitos e as explosões que a eles se seguem acompanham a história da preocupação social e acadêmica com as juventudes⁴. Vemos que, no que diz respeito às juventudes, a construção social em torno delas é carregada de significados negativos, prevalecendo o rótulo de geradora de problemas que se refletem em seu cotidiano e nas instituições das quais participam. Todos esses conceitos de culpabilização e condenação nos mostram que os jovens são de fato foco de interesse social e acadêmico quando considerados um problema a ser compreendido e até mesmo sanado⁵.

Mesmo inserida nessa realidade social a Igreja é convocada a portar-se de maneira diferente diante dos jovens, a lançar sobre eles o olhar do acolhimento e não do mero interesse como fazem muitas instâncias sociais. A Igreja vê nos jovens um símbolo de si mesma⁶, não por estratégia, mas por vocação. Os vê como esperança não por simples interesse de perpetuação, mas por ser o jovem lugar teológico⁷ de encontro com Cristo e também espaço de ação do Espírito Santo que continua fazendo novas todas as coisas (cf. Ap 21,6). É nessa ótica que vemos a atuação do Concílio Vaticano II no relacionamento da Igreja junto aos jovens, isto é, estamos em um tempo em que a Igreja povo de Deus, formada por um grande número de jovens, sejam esses inseridos ou não na comunidade eclesial, é chamada a viver sua missão junto a toda humanidade, fazendo a experiência do encontro com Cristo e o testemunhando entre todas as nações.

Assim, a Igreja caminha com os jovens, pois esses são a Igreja de Jesus Cristo, são também povo de Deus peregrino, objeto e sujeito de evangelização, para isso é necessário que a própria Igreja saiba transmitir às novas gerações as razões de viver e esperar (cf. GS, n. 31). Vejamos, em linhas gerais, como se dá esse encontro a partir do Concílio Vaticano II.

⁴ Cf. SINGER, P., *A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social*, p. 1-2.

⁵ Cf. ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M., *Juventude, juventudes*, p. 28-30.

⁶ PAULO VI, loc. cit.

⁷ Cf. CONSEJO EPISCOPAL LATINOAMERICANO, *Civilización del amor*, n. 357.

2.1.1. Abertura e reconciliação

Sabemos que o Concílio Vaticano II se caracterizou pela abertura e olhar de reconciliação para com o mundo em suas complexas realidades. João XXIII o denominou como um “*sopro de inesperada primavera*”⁸. O Concílio buscou:

[...] um papel mais positivo e participativo da fé católica na sociedade. Desejava debater não só definições dogmáticas e teológicas, mas também dirigir a atenção aos problemas econômicos e sociais, vendo-os não como ameaça, senão como autênticos desafios pastorais que exigiam e exigem uma resposta por parte da Igreja⁹.

Diante dessa perspectiva de abertura do Concílio à realidade social, que certamente veio sendo preparada pelos diversos movimentos que o antecederam¹⁰, podemos entender que os jovens compunham o cenário das preocupações conciliares, uma vez que esses eram parte integrante da sociedade e de suas urgências. A Igreja conciliar levou para suas pautas a realidade de tantos jovens que por diversas razões afastavam-se da religião, bem como se preocupou com os conflitos geracionais existentes, não deixando de reconhecer que esses jovens também eram capazes de assumir a fé de maneira mais pura do que outros que já os haviam precedido (cf. *GS*, n. 7). Diante da realidade das novas gerações a Igreja permaneceu crendo no futuro que essas podiam construir para toda humanidade.

Paulo VI assim como João XXIII, afirmou o desejo conciliar de fazer valer a misericórdia diante da sociedade e de seus sofrimentos¹¹. Por isso, entendemos que seu olhar aos jovens fora de cuidado e preocupação com o presente e o futuro de cada um, com suas possibilidades de salvação ou perdição em meio à realidade que os cercava. Vemos que a Igreja entende serem os jovens, vítimas, dentre tantas outras, das degradantes condições sociais (cf. *GS*, n. 27) e posiciona-se

⁸ JOÃO XXIII, In: BINGEMER, M. C. L., *Vaticano II uma referência do nosso tempo*, Disponível em: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_Canal=47&cod_noticia=20975, Acesso em: 24 jan. 2015.

⁹ BINGEMER, M. C. L., *El concilio y la emergencia del laicado*, p. 408.

¹⁰ Sobre essa temática, principalmente referindo-se aos movimentos com profundo envolvimento dos leigos, como é o caso da Ação Católica, podemos buscar maior aprofundamento na obra de ALMEIDA, V. A. J., *Leigos em que?* Uma abordagem histórica, p. 249-268. O livro nos proporcionará também um estudo acerca da atuação dos leigos após a realização do Concílio.

¹¹ Cf. BINGEMER, M. C. L., loc. cit.

veementemente pela vida, pelo respeito ao outro, tendo acima de tudo a vida do ser humano e os meios necessários para mantê-la dignamente (cf. *GS*, n. 27).

Junto aos jovens, Paulo VI via a esperança da Igreja, as possibilidades e os desafios de fazer acontecer os propósitos provenientes dos trabalhos conciliares. Neles se encontra a possibilidade de uma Igreja disposta a dar espaço para a dinamização do Espírito em meio à sociedade, permitindo o florescer de nova força para si e para toda humanidade. Já os documentos conciliares nos permitem compreender isso, quando deixam transparecer a grande preocupação com a educação das novas gerações, em vistas de uma formação integral que levasse em consideração também a experiência de Deus e dos valores cristãos, pelo bem de todos (cf. *GE*, n. 01). Eis o que nos diz Paulo VI:

A Igreja, durante quatro anos, tem estado a trabalhar para um rejuvenescimento do seu rosto, para melhor responder à intenção do seu fundador, o grande vivente, o Cristo eternamente jovem. E no termo desta importante “revisão de vida”, volta-se para vós. É para vós, os jovens, especialmente para vós, que ela acaba de acender, pelo seu Concílio, uma luz: luz que iluminará o futuro, o vosso futuro¹².

É verdade que o Concílio não dedicou um documento ou algum capítulo desses especificamente aos jovens, porém não deixou de tê-los como alvo de suas preocupações, uma vez que esteve em todos os momentos direcionado às necessidades do tempo presente, trabalhando para que a sociedade torne-se cada vez mais comprometida com a dignidade e a liberdade das pessoas, inclusive dos próprios jovens. Com o desejo de que a sociedade deixe espalhar-se o seu tesouro sempre antigo e sempre novo que é a fé, o Concílio empenhou-se para que os jovens também pudessem desfrutar de seus benefícios, experimentando a profunda alegria do evangelho, resistindo às tentações de ceder às filosofias do egoísmo e do prazer, ou do desespero e do nada, mantendo-se firme na fé em Deus que a tudo dá sentido. Lembramos que essa missão será possível às novas gerações na medida em que forem formados pelas precedentes, que por sua vez também formaram sua identidade cristã com base no testemunho de fé de toda a comunidade (cf. *AG*, n. 41) Ainda na mensagem dirigida aos jovens após o Concílio, Paulo VI assim os exorta:

É em nome deste Deus e de seu Filho Jesus que vos exortamos a alargar os vossos corações a todo o mundo, a escutar o apelo dos vossos irmãos e a pôr

¹² PAULO VI, loc. cit.

corajosamente ao seu serviço as vossas energias juvenis. Lutai contra todo o egoísmo. Recusai dar livre curso aos instintos da violência e do ódio, que geram as guerras e o seu cortejo de misérias. Sede generosos, puros, respeitadores, sinceros. E construí com entusiasmo um mundo melhor que o dos vossos antepassados¹³.

Sua exortação nos permite compreender a profunda esperança que a Igreja pós-conciliar deposita nos jovens, e ao mesmo tempo o compromisso que tem com as novas gerações. Preocupa-se com as mais diversificadas dimensões de sua vida, desde a educação, como podemos ver de maneira bem detalhada na Declaração *Gravissimum Educationis*, a constituição de famílias que atuem positivamente na vida de seus filhos para que estes cresçam de forma digna (cf. *GS*, n. 49) capacitados a sua escolha vocacional (cf. *GS*, n. 52), com formação política (cf. *GS*, n. 75), amparados em seu amadurecimento na fé (cf. *PO*, n. 6), enfim, tendo garantidos seus direitos e sendo instruídos em seus deveres (cf. *GS*, n. 27).

Os documentos conciliares nos fazem compreender que as juventudes precisam ser iniciadas¹⁴ na fé, tomarem conhecimento das realidades do mundo e lerem nos sinais dos tempos o chamado do Senhor a serem anunciadores do evangelho e levarem adiante a boa nova de Jesus Cristo a todas as nações (cf. *AG*, n. 39). A eles confia a missão de ser também povo de Deus, comprometidos com a evangelização em intensa responsabilidade testemunhal, ajudando-os a desenvolver zelo missionário diante de todos os povos (cf. *AG*, n. 20), e num caminho de mão dupla, receber a Igreja que vem ao seu encontro e ir ao encontro daqueles que não conhecem a Cristo (cf. *AG*, n. 6). A Igreja não pede às novas gerações simplesmente a adesão à fé por meios sacramentais ou litúrgicos, mas lhes confia a missão de empenhar suas vidas na construção de um mundo mais digno e justo para toda humanidade, e à grande maioria dos jovens que se encontram no serviço ao Reino como leigos e leigas. A Igreja confia a missão de anunciarem os valores evangélicos a todos os povos, permitindo que Cristo viva entre todas as nações, nas mais diversificadas culturas (cf. *AG*, n. 21). A Igreja mostra aos jovens que sua missão é fazer com que na história o Reino tenha seu início, testemunhando no próprio viver a vida de Jesus Cristo, suas atitudes de

¹³ PAULO VI, loc. cit.

¹⁴ Nos capítulos precedentes apresentaremos alguns aspectos que nos falarão das juventudes enquanto protagonistas, que precisam do suporte da comunidade para crescer na fé, porém não como objetos desse processo, mas sujeitos dotados de história e esperança onde a fé chega por diversos meios, inclusive por suas vivências cotidianas.

misericórdia e compaixão diante das multidões famintas e abandonadas que vagam como ovelhas sem pastor (cf. Mt 9,38).

Com o Concílio e, principalmente com a mensagem pós-conciliar dirigida aos jovens, temos certeza de que “a Igreja olha-os com confiança e com amor”¹⁵, que ela aponta para Cristo como a verdadeira esperança dos jovens, que somente nele seu futuro terá um sentido repleto de alegria, que é Ele o “herói” verdadeiro capaz do amor, da verdade, da amizade e do companheirismo.

Não podemos negar que essa esperança encarnada em meio à humanidade por vezes foi negligenciada em sua verdadeira identidade, o que contribui para que os jovens afastem-se da Igreja, mesmo que não abandonem a fé em Deus. Assim, somos impelidos a revelar aos jovens “a verdadeira razão de sua esperança” (cf. 1Pd 3,15), aquele que os chama à verdadeira vida. Queremos, como bem afirmou Paulo VI, que os jovens ao olhar para a Igreja vejam “[...] o rosto de Cristo, o verdadeiro herói, humilde e sábio, o profeta da verdade e do amor, o companheiro e o amigo [...]”¹⁶. Parafraseamos o Concílio para afirmar que o jovem, em sua grande maioria pertencente ao laicato¹⁷, é aquele que deve construir a cidade dos homens, vivendo em meio ao mundo, chamado por Deus para exercer seu apostolado de modo a ser fermento levedando toda a massa (cf. AA, n. 2). Mesmo que o jovem seja alvo de um sistema onde a economia é o centro de todos os interesses e que seja considerado como mero consumidor da produção, o Concílio os convoca a assumir uma postura diferenciada e se identificar plenamente a Jesus Cristo, contribuindo diretamente na transformação social.

A constituição conciliar *Gaudium et Spes* nos fala da preocupação com os jovens que muitas vezes são alvos de valores contraditórios aos valores do Reino. Diz-nos que, “a transformação de mentalidade e de estruturas põe muitas vezes em questão os valores admitidos, sobretudo no caso dos jovens” (GS, n. 7). Essa

¹⁵ PAULO VI, loc. cit.

¹⁶ Ibid., loc. cit.

¹⁷ Com relação à temática vocacional, principalmente referindo-se aos presbíteros na Igreja, o seu escasso número e sua missão, podemos buscar ampliar nossa leitura através do capítulo quarto da obra de MOINGT, J., *Deus que vem ao homem: da aparição ao nascimento de Deus*, vol. II – nascimento, São Paulo, Loyola, 2012, p. 275-370. Além de afirmar a diminuição dos presbíteros, aprofundará a missão desses e também a missão dos leigos(as) na Igreja.

preocupação não quer condenar as novas gerações por sua vulnerabilidade diante do mundo, mas quer alertar a todos da necessidade que essas têm de serem olhadas atentamente, de forma a receberem das gerações anteriores o sustento para que também possam experimentar o verdadeiro encontro com Cristo e se tornarem testemunhas de seu amor, principalmente em meio a seus irmãos, também jovens. O Concílio sabe que “no seio da família, originam-se tensões, quer devido à pressão das condições demográficas, econômicas e sociais, quer pelas dificuldades que surgem entre as diferentes gerações [...]” (GS, n. 7) e anseia por uma Igreja que esteja ao lado da humanidade, ao lado de tantas juventudes oprimidas e maltratadas por um sistema excludente que muitas vezes lhes tira o direito de viver cada etapa da existência com dignidade. Quando a Igreja afirma que:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS, n. 1).

Deixa-nos claro a sua intenção de estar ao lado de seus filhos e filhas, e aqui referimo-nos, especificamente, ao lado de seus filhos e filhas mais jovens, necessitados de verdadeiros testemunhos para seguir adiante como discípulos missionários de Cristo. O desejo conciliar de que a Igreja esteja unida à humanidade, principalmente aquela mais sofrida, não nos deixa duvidar de que ela esteja intimamente unida a todos os jovens que são sua esperança, e que ao mesmo tempo padecem pela falta da verdadeira esperança, ao verem diariamente perder-se seu presente, seus sonhos e seu futuro.

Certamente, como afirmou o Concílio, os jovens exercem na sociedade de hoje um influxo da maior importância (cf. AA, n. 12), mas não podemos nos esquecer de que muitas das vezes são manipulados por essa mesma sociedade e tomados como fonte de exploração e lucro para a hegemonia dos sistemas econômicos. Certamente é real a afirmação conciliar de que “as condições em que vivem, os hábitos mentais e até as relações com a própria família estão profundamente mudadas” (AA, n. 12), mas entendemos com isso que trata-se de uma resposta a tudo o que recebem dessa mesma sociedade, da forma como vêm sendo educados e inseridos no processo social, familiar e religioso, como

percebemos nas afirmações dos autores que atualmente pensam as definições acerca das juventudes¹⁸. Não podemos apenas repetir chavões que os definam como uma massa única. Precisamos nos dar o direito de pensar suas realidades, sejam elas positivas ou negativas, mas sempre os tendo como parte do povo amado gratuitamente por Deus em suas situações de sofrimentos e exclusão.

Afirmá-los como “incapazes de assumir convenientemente as novas tarefas” (AA, n. 12) parece-nos um pouco precipitado, até mesmo porque não estamos nos referindo a um único grupo juvenil. Não podemos nos esquecer de que a força econômica não se encontra nas mãos dos mais jovens, bem como outras forças sociais, como o sistema político, legislativo e judiciário. O próprio Concílio nos dirá que os jovens precisam do testemunho dos adultos para poder optar por Cristo e pela missão que lhes é confiada, colocando inclusive seus bispos e presbíteros como testemunhas necessárias e eficazes às novas gerações (cf. GS, n. 88). Queremos nos deter em afirmações conciliares que nos ajudem a compreender que:

Com o amadurecimento da consciência da própria personalidade, estimulados pelo ardor da vida e pela atividade transbordante, assumem a própria responsabilidade e desejam tomar a parte ativa que lhes compete na vida social e cultural. Se este zelo é penetrado pelo espírito de Cristo e animado pela obediência e pelo amor para com os pastores da Igreja, podemos esperar deles frutos muito abundantes. Eles mesmos devem ser os primeiros e imediatos apóstolos da juventude a exercer por si mesmos o apostolado entre eles, tendo em conta o meio social em que vivem (AA, n. 12).

Acreditar na capacidade de evangelização dos jovens é acreditar na força do Espírito Santo que move a humanidade na missão evangelizadora. Crer na força dos jovens é manifestar a compreensão de que também neles o Espírito age e permite experiências que geram novos testemunhos capazes de atingir tantos outros que também movidos pelo Espírito poderão fazer a experiência de Cristo. Não podemos prescindir da realidade de que esses dons necessitam ser suscitados no coração de nossos jovens e por isso mais uma vez queremos ressaltar as palavras conciliares que dizem:

Os adultos procurem estabelecer com os jovens um diálogo amigo que permita a ambas as partes, superando a distância de idades, conhecerem-se mutuamente e comunicarem uns aos outros as próprias riquezas. Estimulem os adultos a

¹⁸ A conceituação do termo juventudes será abordada no capítulo terceiro de nossa pesquisa, enfatizando a diversidade juvenil e suas realidades pessoais e coletivas.

juventude ao apostolado, primeiro pelo exemplo e, dada a ocasião, por conselhos prudentes e ajuda eficaz (AA, n. 12).

Tornar-se humano é um processo que ocorre entre seres humanos, tornar-se cristão é uma graça que nos é dada em meio à comunidade de fé, através daqueles e daquelas que já fizeram essa experiência. Se nossos jovens não forem agraciados com a práxis dessas belas palavras conciliares, possivelmente não trilharão os caminhos do evangelho, pois lhes serão desconhecidos. Do contrário, se forem iniciados na fé por meio de verdadeiros testemunhos, o Concílio irá encontrar ressonância nas novas gerações que não deixarão de mostrar “para com os mais velhos respeito e confiança e devida estima aquelas tradições que são válidas” (AA, n. 12).

Queremos adentrar nesse aspecto de integração entre as diferentes gerações, enfatizando a orientação conciliar, também registrada no Decreto *Apostolicam Actuositatem*, ao referir-se a formação dos leigos que estão inseridos na missão. Retomamos aqui a ideia de que a grande maioria dos jovens católicos pertence ao laicato, e são eles os portadores da missão em meio às esperanças e angústias da sociedade. Portanto, é aceitável que, ao falar da formação laical o Concílio também esteja falando da formação dos jovens que formam esse grupo. Compreender que “a preparação para o apostolado supõe uma formação humana completa e adaptada à maneira de ser e circunstâncias próprias de cada um [...]” (AA, n. 29), nos faz crer que o Concílio estava aberto a acolher o jeito jovem de evangelizar e de ser evangelizado, com todas as suas belezas, bem como com todos os seus desafios.

Quando vemos nos textos conciliares um registro como este: “com efeito, o leigo, conhecendo bem o mundo atual, deve ser um membro da sociedade em que vive e ao nível da sua cultura” (AA, n. 29), entendemos que o Concílio esteja preocupado não apenas com o que este jovem leigo tem a oferecer para a Igreja, mas também com o que ele tem recebido da sociedade que é a grande responsável por sua formação nos mais variados âmbitos.

Aprender a realizar a missão de Cristo pressupõe conhecer a Cristo intimamente, ter oportunidade de fazer a experiência do encontro a fim de tornar-se testemunho para os demais. Não podemos esperar que nossos jovens sejam fiéis testemunhas se lhes forem negados testemunhos que lhes abram à ação do

Espírito e impulsiona à experiência. Com o Concílio podemos afirmar que a inserção dos jovens nos horizontes da fé consiste em um aprendizado gradual e prudente, que passa pela convivência e não apenas por conteúdos teóricos e doutrinários. É algo que irá aperfeiçoar-se continuamente devido ao próprio processo de amadurecimento da pessoa. Esse processo exige que o jovem seja visto em todo o seu processo de desenvolvimento, para assim poder envolver-se ativamente na missão que Deus lhe confia no seio da Igreja, cuja ação desenvolve-se também em meio à sociedade (cf. AA, n. 29).

O texto conciliar nos lembra de que essa formação para o apostolado deve ter seu início desde a educação infantil, sendo iniciados no apostolado particularmente os adolescentes e jovens. Dirá que:

Esta formação deve ser aperfeiçoada durante toda a vida [...]. Pertence aos pais ir dispendo os filhos, desde a infância, para conhecerem o amor de Deus por todos os homens, e ir lhes inculcando pouco a pouco, sobretudo com o exemplo, a preocupação pelas necessidades materiais e espirituais do próximo. Que toda a família se torne, pois, na sua vida íntima, como que um estágio do apostolado (AA, n. 30).

Essa educação proveniente das famílias e da comunidade de fé também possibilitará aos jovens a abertura para a comunidade eclesial e civil. Fazendo parte das comunidades irão reconhecer-se como membros ativos das mesmas, verdadeiramente povo de Deus que traz consigo a missão de ir construindo o Reino de Deus na história, possibilitando uma vida mais digna não somente para si, mas para todos os irmãos que estão ao seu redor e até mesmo àqueles que pela distância e o tempo não lhes são conhecidos. Segundo o Concílio, essa formação para o apostolado também pode contar com a colaboração das instituições educacionais. Vemos no documento conciliar que:

Compete também às escolas, colégios e outras instituições católicas destinadas à formação, fomentar nos jovens o sentido católico e a ação apostólica. No caso de faltar esta formação, quer seja porque os jovens não frequentam essas escolas, quer por outra causa, então cuidem mais dela os pais, os pastores de almas e as associações apostólicas (AA, n. 30).

No curso da segunda sessão da realização do Concílio, em novembro de 1963, em meio ao debate eclesiológico, Y. Congar escreveu: “Cada geração tem sua tarefa. À nossa correspondeu à possibilidade de realizar na Igreja uma revolução pacífica decisiva. Os sobrinhos de nossos sobrinhos deverão renovar

suas energias para permitir esta mudança tão importante”¹⁹. Como podemos ver é missão de cada geração a transmissão da fé, a formação daqueles que chegam e o testemunho convincente do encontro com Cristo. Parece-nos que se assim não procederem os adultos, dificilmente os jovens poderão assumir seus compromissos diante do Deus revelado por Jesus Cristo, pelo simples fato de não poderem reconhecer sua voz.

A esperança da Igreja nas juventudes lhe traz muitos desafios. Diante do novo que vem com os jovens a Igreja precisa agir como Mãe que acolhe seus filhos e filhas em suas próprias realidades, cuidando de todas as dimensões de suas vidas, para que a esperança que há em cada um não se apague e possa iluminar toda a sociedade. A Igreja Mãe não se aproxima de seus filhos e filhas para tirar vantagens, mas para amá-los e promover a vida, conferindo-lhes seu protagonismo presente em vistas no futuro de cada um que iluminará o todo. Levar às novas gerações a revelação é um compromisso da Igreja de todos os tempos (cf. *DV*, n. 8). Sabemos que Deus também veio ao encontro dos jovens, revelando-se em suas realidades, pois veio para os povos de todos os tempos (cf. *DV*, n. 7), mas a ausência do testemunho será sempre um risco ao cristianismo. Aqui evocamos a Igreja desejada pelo Papa Francisco, uma Igreja Mãe e Pastora²⁰, capaz de carregar nos braços cada um de seus filhos, de buscá-los nos lugares mais difíceis, a fim de resgatar-lhes a dignidade de criaturas amadas de Deus para então poder contar com seu testemunho evangélico em meio à vivência de tais valores no seio da sociedade, até mesmo com a gratuidade de aceitar que não sejam assumidamente católicos, ou quem sabe, pertencentes a qualquer religião propriamente dita! Também João Paulo II nos lembrará de que “[...] os jovens não devem ser considerados simplesmente como o objeto da solicitude pastoral da Igreja: são de fato e devem ser encorajados a ser sujeitos

¹⁹ CONGAR, Y., *Diario del Concilio*, p. 135.

²⁰ O Papa Francisco em entrevista assim expressou-se: “Como estamos tratando o povo de Deus? Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora. Os ministros da Igreja devem ser misericordiosos, tomar a seu cargo as pessoas, acompanhando-as como o bom samaritano que lava, limpa, levanta o seu próximo. Isto é Evangelho puro. Deus é maior que o pecado. As reformas organizativas e estruturais são secundárias, isto é, vêm depois. A primeira reforma deve ser a da atitude. Os ministros do Evangelho devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de saber dialogar e mesmo de descer às suas noites, na sua escuridão, sem perder-se. O povo de Deus quer pastores e não funcionários ou ‘clérigos burocratas’. Os bispos, especialmente, devem ser homens capazes de apoiar com paciência os passos de Deus em seu povo, de modo que ninguém fique para trás [...]”. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/523920-procuremos-ser-uma-igreja-que-encontra-caminhos-novos-entrevista-com-o-Papa-francisco>, Acesso em: 29 dez. 2013.

ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social” (*CFC*, n. 46). Vemos a necessidade de uma Igreja que ouse sair de seus templos, que não tenha medo de ser uma Igreja “acidentada” (cf. *EG*, n. 49), mas que coloque-se em marcha com o povo, inclusive com as novas gerações, dando-lhes o direito de encontrá-la, pisando o chão de suas histórias pessoais e coletivas, reconhecendo em cada um o seu Senhor, Jesus Cristo, servindo-o e cuidando das chagas abertas nas tantas cruzeiras que carregam diariamente.

Nossa intenção não está em fazer uma profunda análise dos textos conciliares, mas em apontar para o fato de que direta ou indiretamente o Concílio é direcionado também aos jovens, o que parece evidente nas palavras de Paulo VI, na mensagem pós-conciliar destinada a eles. Enfim, entendemos que o Concílio apresenta os jovens como esperança da Igreja (cf. *GE*, n. 2; *CD*, n. 14), preocupe-se com a evangelização das novas gerações e abre suas portas para acolhê-los e para colocar-se ao seu lado nas diversificadas realidades que enfrentam, de modo a poder anunciar-lhes Jesus Cristo.

Vejamos na sequência que os jovens são a Igreja de Cristo.

2.1.2. Juventudes, Igreja povo de Deus

Nossa Igreja, desde seus primórdios, tem a preocupação de manter viva a Boa Nova anunciada por Jesus. Por meio dos apóstolos e de seus sucessores guardou a Tradição por diversas gerações, e sabe o tesouro que traz em frágeis vasos, por isso empenha-se em oferecê-lo a tantos quantos façam parte da família humana. Assim, “a Igreja, em sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo o que crê” (*DV*, n. 8). Conforme nos diz a *Dei Verbum*, trata-se de uma Tradição que progride sob a assistência do Espírito Santo, da qual cresce a compreensão em meio a todas as gerações. Com os jovens de hoje não é diferente, eles também são conduzidos pelo Espírito na acolhida e compreensão dessa Tradição, do contrário já não teríamos esse crescimento do qual nos fala o texto conciliar. A Palavra toma vida pela ação do Espírito na vida das juventudes e vai renovando a Igreja e a sociedade, caminhando continuamente em direção à plenitude de Deus.

Creemos que o Concílio ao referir-se aos crentes que são conduzidos à verdade não deixa de lado os jovens. Uma vez que eles constituem a esperança do

presente e do futuro da Igreja devem ser considerados como seus ouvintes e agentes, como seu apoio e seus sinalizadores, como aqueles que acolhem a verdade e apontam para ela quando necessário. Certamente esses jovens são necessitados de todos os cuidados que o Concílio exprime, pois são atingidos por muitas carências pessoais e sociais oriundas das mais diversas situações, mas não deixam de serem os crentes a quem fala o Espírito e que ao longo da história deram múltiplas provas de que podem ser verdadeiros discípulos-missionários comprometidos com Jesus Cristo e com seus ensinamentos.

Deus não deixa de comunicar-se com seu povo e assisti-lo no caminho da acolhida da revelação. Esse dom perpassa gerações e sempre encontrou nos jovens corações um espaço para continuar atuante em meio à humanidade, não podemos desacreditar, Deus continua capaz de comunicar-se e, certamente, o Criador é criativo e conhece os caminhos para bem fazê-lo entre os jovens que diariamente nos desafiam. Enfim,

Deus que outrora falou mantém um permanente diálogo com a esposa de seu dileto Filho, e o Espírito Santo, pelo qual a voz viva do Evangelho ressoa na Igreja e através dela no mundo, leva os crentes à verdade toda e faz habitar neles abundantemente a palavra de Cristo (cf. Col 3,16) (*DV*, n. 8).

Apegando-nos a essa Constituição podemos afirmar que a Igreja necessita dos jovens para levar adiante o Evangelho. A categoria juventudes não aparece com abundância na *DV*, mas entendemos que, em todos os momentos em que é citada a Igreja povo santo de Deus, faz-se referência também aos jovens, do contrário não teria sentido a Igreja esperar deles algo para seu futuro. Assim, ousamos dizer aos jovens, Igreja povo de Deus, que:

[...] o povo santo todo, unido a seus Pastores, persevera continuamente na doutrina dos Apóstolos e na comunhão, na fração do pão e nas orações (cf. At 2,42), de sorte que os bispos e os fieis colaboram estreitamente na conservação, exercício e profissão da fé transmitida (*DV*, n. 10).

Esta Igreja povo de Deus não só deposita nos jovens sua esperança, como é jovem, é juventude, é juventudes! Se for povo de Deus, é jovem, porque o jovem em suas mais diversificadas manifestações é povo de Deus peregrino rumo à pátria definitiva (cf. *LG*, n. 48). Não estamos falando de um grupo destacado que não constitua as realidades eclesiais e sociais, falamos de seres humanos que

constituem a população, que estão no mundo eclesial ou que estão fora dele, mas que adentram as preocupações conciliares. Tal preocupação podemos ver claramente no texto a seguir: “[...] a Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adequada a cada geração [...]” (GS, n. 4).

Estar atenta aos sinais dos tempos, as realidades que circundam a própria Igreja e as necessidades que emergem junto a cada geração, e assim manter o vínculo da unidade através dos tempos para que o Evangelho continue vivo na memória e nas ações de toda a humanidade, é uma grande missão para a Igreja. Nossos jovens podem nos perguntar: quem é essa Igreja a quem Cristo confiou tamanha missão? Queremos dizer, junto com o Concílio, que esses próprios jovens são Igreja, Igreja povo de Deus, sacramento de Cristo neste mundo. Podemos dizer que:

[...] os que creem em Cristo, os que renasceram não de semente corruptível mas incorruptível pela palavra do Deus vivo (cf. 1Pd 1,23), não da carne mas da água e do Espírito Santo (cf. Jo 3,5-6), são finalmente constituídos “em linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido... que outrora não eram, mas agora são povo de Deus” (1Pd 2,9-10) (LG, n. 9).

Não discutiremos questões teológicas acerca da afirmação acima, apenas queremos apontar para o fato de que, a maioria dos jovens de nosso país se declaram cristãos, pertencentes a Cristo, ligados a uma Igreja. Logo, estamos diante de um sacerdócio santo que faz a Igreja viva em meio ao mundo, que muitas vezes constitui-se em uma Igreja ferida, que retrata o rosto do Cristo crucificado, que precisa ser socorrida, mas que não deixa de ser a Igreja do Senhor. Trazem em si a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em seus corações habita o Espírito Santo como num templo. Ser o povo messiânico é para todo o gênero humano germe de unidade, esperança e salvação (cf. LG, n. 9). Nossas juventudes, povo de Deus, são esperança da Igreja, são Igreja, são povo chamados à santidade, chamados também a trabalhar pela santificação do mundo, pela realização do Reino. Junto com toda a Igreja os jovens também participam do múnus profético de Cristo (cf. LG, n. 12). Não podemos ignorar a voz que vem desses que caminham conosco, pois desde o seu silêncio até a sua luta por liberdade e protagonismo podem soar para a Igreja como profecia, anúncio e denúncia, a indicar caminhos inspirados pelo Espírito. As juventudes são a

esperança da Igreja, mas com o Concílio podemos afirmar que essas juventudes são Igreja de Cristo.

Com as perspectivas abertas no Concílio Vaticano II, queremos na sequência de nosso trabalho perpassar os documentos das conferências episcopais latino-americanas, enfatizando sua postura mediante os jovens, a fim de compreender melhor os desdobramentos conciliares na América Latina na vida desses que no momento são colocados como esperança da Igreja e da humanidade.

Partiremos do documento de Medellín e iremos até Aparecida, por serem as conferências acontecidas após o Concílio Vaticano II.

2.2.

As juventudes como esperança eclesiológica: de Medellín a Aparecida

A Igreja experimenta em nossos tempos grande dificuldade em transmitir a fé às novas gerações. J. Moingt nos diz que essa dificuldade é concreta e precisa ser superada, pois “a única tarefa que importa é deixar passar o Reino de Deus empurrado para frente pelo sopro do Evangelho”.²¹ Esse quadro preocupa a Igreja desde tempos anteriores, como poderemos perceber se recorrermos a textos de Paulo VI, como por exemplo, a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, ou mesmo a Encíclica *Redemptoris Missio* de João Paulo II, dentre outros documentos do Magistério. Veremos nessa etapa de nossa pesquisa que também as conferências episcopais latino-americanas, posteriores ao Concílio Vaticano II, trouxeram os jovens para as suas discussões. O intuito central é mostrar como, através dos documentos de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, os jovens foram apontados como esperança da Igreja pós-conciliar e também como desafio para a evangelização.

2.2.1.

O jovem na Conferência de Medellín

Iniciamos nossa exposição dirigindo-nos diretamente ao documento de Medellín. Esta conferência acontecida no ano de 1968 foi a aplicação do Concílio Vaticano II na América Latina. Para alguns autores foi nessa oportunidade que o

²¹ MOINGT, J., *Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento* (vol. 2), p. 9.

desejo de João XXIII, de uma Igreja para os pobres, teve maior força²². Paulo VI no discurso de abertura dessa conferência deixa-nos certos de que o caminho ainda está inacabado, com limites e novas necessidades. Para o Pontífice, o futuro reclama esforço e audácia, e vem desinstalar a Igreja e causar-lhe até mesmo profundas angústias²³. Mediante tal constatação, Paulo VI não hesitou em apontar para um dos grandes interesses da Igreja naquele momento: “Baste-vos saber que os consideramos [os jovens] dignos do maior interesse e de grandíssima atualidade. Disso estais todos vós perfeitamente convencidos”²⁴.

Os jovens fizeram parte das reflexões que construíram a conferência de Medellín. Foram reconhecidos como contribuição positiva para a construção de uma sociedade mais justa, contribuição essa a ser aproveitada não só pela sociedade, mas também pela Igreja. Diante de todo o seu desenrolar, Medellín mostrou-se como o momento em que se podia alimentar a esperança do amanhecer de um novo tempo, um mundo de paz, onde o Amor do Pai manifestado no Filho e difundido em nossos corações pelo Espírito Santo levaria a humanidade à ações interessadas no bem comum, o que interpretamos como esperança do Reino para todas as gentes.

Segundo Medellín, os jovens vivem num contexto de dificuldades, numa época de crises e mudanças que inclusive são causas de conflitos entre as gerações (cf. DM, 5,1,1-5). Essa crise atinge todos os níveis, dentre os quais o documento nos apresenta uma miséria que marginaliza grandes grupos humanos (cf. DM, 1,1,1). Dentro dessa realidade de crise, a conferência percebe que a insatisfação dos jovens cresce a cada momento diante do mundo construído por seus pais (cf. DM, 5,1,3). Apresenta-nos os jovens como ousados sonhadores, que não se conformam com o mundo. Nisso vemos as raízes de uma esperança verdadeira, que não se conforma com o mundo, mas o quer sempre em construção; uma esperança ousada, que não se deixa convencer pelos poderes estabelecidos, e que “vai a luta” por dias melhores para si e para todos. A afirmação também confirma nossa ideia de que as juventudes de hoje são o “espelho retrovisor” da sociedade que a gera. Sua constatação é que a “atitude religiosa da juventude se caracteriza

²² Podemos aprofundar essa temática no artigo de SOBRINO, J., *La Iglesia de los pobres no prosperó en el Vaticano II*. Este artigo pode ser encontrado na revista *Concilium*, n. 346 de junho de 2012, p. 395-405.

²³ PAULO VI, *Discurso na abertura da segunda conferência*, In: *Conclusões da conferência de Medellín, 1968: trinta anos depois, Medellín é ainda atual?*, p. 10.

²⁴ *Ibid.*, p. 20.

por recusar uma imagem desfigurada de Deus” (DM, 5,1,4) que muitas vezes lhes é apresentada pelas gerações anteriores, assim como pela busca dos autênticos valores evangélicos que nem sempre são visibilizados pelo testemunho daqueles que os proclamam.

Já na década de sessenta, Medellín constatou que também os jovens não se consideravam Igreja atuante, acabando por identificar a Igreja com os bispos e os sacerdotes, e afirma:

Por não terem sido chamados a uma plena participação na comunidade eclesial, não se consideram como integrantes da Igreja. A linguagem comum da transmissão da palavra (pregação, documentos pastorais, etc), são-lhes muitas vezes estranhos e por isso não têm influência em suas vidas. [...] Esperam dos pastores que não só divulguem princípios doutrinários, mas que os provem com atitudes e realizações concretas (DM, 5,1,5).

Estamos diante de uma parcela da sociedade que pede a Igreja que seja sempre mais coerente em suas ações, que não apenas proclame o evangelho com suas palavras, mas com sua atuação em meio à humanidade. Não participar diretamente desta dinâmica, não serem incluídos na Igreja povo de Deus, como protagonistas de sua história com o Mestre, os faz sentirem-se desligados e até mesmo desinteressados dessa missão. A Igreja reconhece que seus jovens necessitam ser incluídos de maneira mais direta em seus projetos, uma vez que a distância com que foram sendo posicionados ao longo dos tempos possibilitou certo esfriamento no engajamento juvenil. Reconhecer a necessidade de maior proximidade é uma porta que se abre para a própria Igreja no relacionamento com os jovens, assumindo-os não simplesmente como receptores do processo de evangelização, mas como protagonistas aptos a participarem ativamente do projeto do Reino de Deus.

Medellín nos lembrará, apoiado na carta de Paulo VI direcionada aos jovens no término do Concílio Vaticano II, que “a Igreja vê na juventude a constante renovação da vida da humanidade e descobre nela um sinal de si mesma [...]”²⁵. Nossa Igreja vê nos jovens o contínuo recomeço e persistência da vida, vê neles uma forma de superação das estruturas de morte que os cercam diariamente, e que atingem a sociedade como um todo. Ver em meio a uma cultura de morte a

²⁵ PAULO VI, *Mensagem aos jovens na conclusão do Concílio Vaticano II*, 08 de dezembro de 1965, Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-giovani_po.html, Acesso em: 11 fev. 2014.

prevalência da vida é sinal da grande esperança que a Igreja deposita nos jovens. Uma esperança que ultrapassa os ditames da moralidade, pois compreende que por detrás de muitos comportamentos está o desejo e o empenho por uma vida mais digna dos filhos e filhas de Deus. A postura condenatória que rodeia nossos conceitos acerca das juventudes urge por ser superada por uma postura acolhedora e misericordiosa, que vê em cada um a possibilidade de um presente mais coerente com o cristianismo e de um futuro que se aproxime sempre mais do sonho de Deus para a humanidade. Com Medellín entendemos que,

[...] a juventude está sendo chamada a trazer uma revitalização; a manter uma “fé na vida” a conservar sua “faculdade de se alegrar com o que começa”. Ela tem a tarefa de reintroduzir constantemente o “sentido da vida”. Renovar as culturas e o espírito significa trazer e manter vivos novos sentidos de existência. A juventude está, pois, chamada a ser perene “reatualização da vida” (DM, 5,2,11).

É nos jovens que a Igreja percebe o sinal de si mesma. Um sinal de sua fé que necessita ser vivenciada em um contexto concreto, encarnada em meio à realidade humana, sem deixar de ser fiel à sua essência, ou seja, ao evento Jesus Cristo. É o próprio Deus quem revela a sua imagem em um corpo, é Deus que nasce na novidade de uma presença corporal no meio da humanidade²⁶. Revelação que não pode perder-se no estático, que necessita ser encarnada na vida dos povos de todos os tempos, assim como soube adaptar-se as mais diversificadas²⁷ realidades das primeiras comunidades cristãs. Queremos assim afirmar que Medellín soube compreender e destacar que a novidade que nasce da ação do Espírito e que move a Igreja em sua missão, está intimamente vinculada às realidades enfrentadas pelos jovens de todos os tempos. Sabemos que é com eles que muitas vezes emergem os desafios, é neles que ouvimos os gritos dos povos clamando por mudanças (cf. DM, 5,1,3), mesmo que muitas vezes trate-se de gritos provocados pelos sofrimentos que advém das posturas assumidas pelas gerações precedentes (cf. DM, 5,1,1), ou gritos silenciados pelo ópio de um sistema que os coloca como alvos para a concretização de seus obscuros objetivos.

²⁶ Cf. MOINGT, J., *Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento* (vol. 2), p. 39.

²⁷ Para aprofundar essa temática podemos recorrer à obra de MOINGT J., *Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento* (vol. 2), p. 82s, quando o autor trata de Pedro e Paulo ressaltando suas diferenças no anúncio do evangelho.

Medellín alerta a Igreja para a necessidade de uma atitude acolhedora para com os jovens, não ignorando seus aspectos positivos ou negativos, mas colaborando com o discernimento que lhes seja necessário. A conferência, em nome da Igreja, afirma: “[...] a Igreja quer aceitar com prazer em seu seio e em suas estruturas a juventude e promovê-la numa ativa participação das tarefas humanas e espirituais” (DM, 5,3,13). Para isso cabe à própria Igreja alimentar nos jovens os verdadeiros valores evangélicos. Melhor dizendo, não apenas alimentar, mas fazê-los reconhecer esses valores que estão na sua própria realidade juvenil e que precisam ser despertados e nutridos de forma que sejam sempre mais encarnados em sua vivência.

A conferência de Medellín nos aponta para uma Igreja interessada no diálogo com as juventudes, não só por reconhecer nela sua força numérica, mas principalmente seu papel decisivo no processo de transformação social e sua importância na missão profética da própria Igreja (cf. DM, 5,3,13). Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o Papa Paulo VI dirige-se a toda Igreja para dizer-lhe de sua preocupação os jovens:

As circunstâncias nos convidam a dedicar uma atenção toda especial aos jovens. O seu aumento numérico e a sua presença crescente na sociedade, os problemas que os assaltam devem despertar em todos a preocupação de oferecer-lhes, com zelo e com inteligência, o ideal evangélico [...] (EN, n. 72).

A Igreja convida todos a se dedicarem as novas gerações, a empenharem-se no trabalho de evangelização, para oferecer-lhes uma vida mais digna e um futuro sempre mais alicerçado em Deus. Dentre tantas outras orientações que a conferência dá para o relacionamento da Igreja com os jovens, destacamos a necessidade de proporcionar sólida formação humana e cristã, o sincero e permanente diálogo dos ministros com as juventudes e o constante apoio aos movimentos juvenis (cf. DM, 5,3,13-20).

Compreendemos que a conferência de Medellín, em seus objetivos, direcionou-se aos jovens como fonte de esperança para a Igreja, pois ao reconhecer seus valores abre espaço para que as juventudes possam vivenciar suas realidades em favor da própria Igreja e da humanidade. A conferência destaca valores juvenis que podem exercer grande influência na vida comunitária, e apresenta um conjunto de valores no plano destas relações: “[...] certas formas de responsabilidade, desejo de autenticidade e de sinceridade, uma aceitação dos

outros tais como são e um franco reconhecimento do caráter pluralista da sociedade” (DM, 5,1,9). Essa afirmação nos revela que Medellín compreendeu a importância das juventudes para a Igreja. Por meio dos jovens a vida comunitária se revitaliza, torna-se mais verdadeira, menos preconceituosa e excludente, e possivelmente mais comprometida com os valores evangélicos, e principalmente com a solidariedade que provém de sua aguçada sensibilidade (cf. DM, 5,1,4). Os jovens trazem para a Igreja um renovado vigor, uma força de ação que, quando direcionada para o Reino, contribui profundamente para a construção do próprio Reino.

Certamente a conferência reconheceu neles deficiências e potencialidades (cf. DM, 5,1,1-9) que necessitam ser olhadas com verdadeiro interesse e efetiva dedicação eclesial, para tê-los como membros da Igreja e verdadeiros colaboradores no processo de evangelização. Sua preocupação estendeu-se também as necessidades dos jovens, reconhecendo o conflito entre as diversas gerações (cf. DM, 5,1,1-3), o que chama todos ao diálogo. Percebemos com interesse o posicionamento de Medellín ao reconhecer a diversidade das realidades juvenis, principalmente quando afirma:

Enquanto um setor da juventude aceita passivamente as formas burguesas da sociedade [...], outro rejeita com marcado radicalismo o mundo que seus pais construíram, por considerar seu estilo de vida carente de autenticidade; rejeita igualmente uma sociedade de consumo que massifica e desumaniza o homem. Essa insatisfação cresce de momento a momento (DM, 5,1,3).

Isso nos permite acreditar que a Igreja está em um processo de reconhecimento dos mais variados grupos juvenis, o que a chama a abandonar posturas estáticas e deixar-se conduzir pela dinamicidade do Espírito que a faz capaz de anunciar a esperança cristã em todas as realidades onde possa estar a humanidade, e em nosso caso, precisamente à parcela jovem desta humanidade. Nesta reflexão contamos com a colaboração de M. F. Miranda, que afirma que, “Querer manter a mesma modalidade de pastoral evangelizadora quando o cenário já pede outra, acaba revelando uma solução cômoda, mas enganosa e ineficaz, gerando uma crise na transmissão da fé”²⁸. Com a *Humanae Salutis* reafirmamos nossa esperança em uma Igreja sempre viva e sempre jovem:

²⁸ MIRANDA, M. F., *Em vista da nova evangelização*, p. 15.

[...] Será esta uma demonstração da Igreja, sempre viva e sempre jovem, que sente o ritmo do tempo e que, em cada século, se orna de um novo esplendor, irradia novas luzes, realiza novas conquistas, permanecendo, contudo, sempre idêntica a si mesma, fiel à imagem divina impressa em sua face pelo esposo que a ama e protege, Jesus Cristo (*HS*, n. 7).

Concluimos este tópico com a firme convicção de que Medellín nos revela uma Igreja aberta às novas realidades, aos sinais dos tempos, disposta a permitir que a Revelação continue sendo compreendida em um contexto real onde toda a humanidade, e em nosso olhar, especialmente os jovens, possam ser sujeitos no anúncio da esperança cristã, e, ao mesmo tempo, objetos dessa esperança que move a Igreja desde seus primórdios. Os jovens são uma força excepcional e um grande desafio para o futuro da Igreja, e é nos jovens que a Igreja lê o seu caminho para o futuro (cf. *CFL*, n. 46).

Na sequência veremos como a conferência episcopal de Puebla direciona-se aos jovens.

2.2.2. O jovem na Conferência de Puebla

Dirigindo-se aos participantes da terceira conferência episcopal latino-americana, acontecida em Puebla no ano de 1979, João Paulo II assim referiu-se as juventudes:

Quanta esperança a Igreja nela coloca! Quantas energias circulam na juventude da América Latina, de que a Igreja necessita. Como devemos estar próximos dela, nós pastores, para que Cristo e a Igreja, para que o amor do irmão cale profundamente em seu coração²⁹.

As palavras do Pontífice nos abrem horizontes de esperança diante das realidades juvenis e seu entrosamento com o cristianismo. Não podemos crer que a Igreja deixe desamparada essa porção da humanidade que constitui as bases de seu próprio futuro, seja em sua dimensão de acolhimento ou de expansão. Sentimos atual o seu apelo aos bispos, de que estejam inseridos nas realidades juvenis, pois somente assim poderão conhecer verdadeiramente as situações que envolvem as juventudes e pensar concretamente nas alternativas a serem

²⁹ JOÃO PAULO II, *Discurso inaugural pronunciado no seminário palafoxiano de Puebla de Los Angeles, México*, 28 de janeiro de 1979, In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Conclusões da conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina*, p. 33.

propostas para que o encontro com Jesus Cristo aconteça na vida dos jovens, inclusive aqueles que pelos mais diversificados motivos encontram-se distantes do cristianismo. Acreditamos que os testemunhos cristãos sejam capazes de despertar nas juventudes o desejo do encontro com Jesus Cristo.

As particularidades de cada momento da história necessitam ser colocadas em evidência no anúncio da boa nova cristã, bem como as particularidades de cada grupo juvenil, se de fato a Igreja tem intenção de dirigir-se a todos os jovens como esperança de seu futuro. Sabemos “que a proclamação da fé jamais se dirige ao ser humano em geral, pois este nunca existiu, porém sempre a homens e mulheres vivendo numa época histórica e numa sociedade concreta”³⁰, e esse entendimento está evidenciado na preocupação do Pontífice ao pedir que a Igreja esteja próxima dos jovens, pois assim irá conhecê-los e conhecendo-os saberá como amá-los e testemunhar-lhes seu evento fundante, Jesus Cristo. O Concílio Vaticano II exortou seus episcopos a estarem ao lado da humanidade, assim expressando-se: “[...] é dever da Igreja estabelecer o diálogo com a sociedade humana na qual vive, é principalmente tarefa dos Bispos irem ao encontro dos homens, procurarem e promoverem o diálogo com eles” (CD, n. 13).

Foi com essa responsabilidade que nossos bispos latino-americanos se colocaram a serviço na terceira conferência. Olharam para os jovens como futuro da Igreja e apresentaram sua opção preferencial pelos mesmos, juntamente com a opção preferencial pelos pobres. Essa conferência aponta para o rosto de Cristo visível nas feições concretíssimas do sofrimento do povo, das quais, dentre outras, destaca as feições dos jovens, desorientados por não terem um lugar na sociedade e também frustrados pela falta de oportunidades de capacitação e de ocupação (cf. DP, n. 32-33). Essa constatação não permite que a Igreja de Puebla, assim como a Igreja dos tempos atuais, fique indiferente as necessidades das juventudes.

A realidade torna-se um apelo aos bispos e a toda a Igreja, para que abra em si significativo espaço para os jovens. A consciência de que se relaciona não apenas com uma modalidade juvenil (cf. DP, n. 95) faz com que a conferência esteja aberta aos desafios advindos dos mais variados contextos em que se encontram os jovens, possibilitando maiores condições no processo de aproximação da Igreja com esses seus preferidos. É do meio dos jovens que a Igreja espera seus servidores, sejam eles cristãos leigos, consagrados ou

³⁰ MIRANDA, M. F., op. cit., p. 14.

ordenados. João Paulo II, em seu discurso inaugural diz: “É mister reativar uma intensa ação pastoral que, partindo da vocação cristã em geral, duma pastoral juvenil entusiasta, dê à Igreja os servidores de que precisa”³¹.

No momento queremos enfocar de maneira especial o posicionamento de Puebla em sua opção preferencial pelos jovens³². O capítulo II da quarta parte das conclusões da conferência elucida qual o seu interesse em relação aos jovens:

Apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam, como em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação (DP, n. 1166).

Parece-nos que a conferência assume o compromisso de amar os jovens antes de pedir seu amor, de responsabilizar-se por eles antes de pedir que sejam seu futuro, ou seja, de dar-se aos jovens antes mesmo que esses assumam sua missão de evangelizadores. Afirmamos isso ao vermos o interesse da Igreja em apresentar aos jovens o Cristo, antes de qualquer outra espécie de doutrina. Cremos na eficácia de um anúncio gratuito que vise antes de tudo o bem da humanidade, o anúncio do amor misericordioso de Deus para com todos os seus filhos e filhas. Entendemos que apresentar Deus a partir de Jesus Cristo não significa impô-lo, mas fazê-lo conhecido e amado pelos jovens como resposta ao amor que lhes é ofertado pelo próprio Deus. Essa postura faz com que a Igreja leve Cristo lá onde se encontram os jovens, com seus valores e desafios, despertando pelo testemunho, a possibilidade de novas experiências cristãs.

Para a conferência de Puebla, o conceito de juventudes ultrapassa um momento cronológico, trata-se de uma atitude frente à vida, e possui muitos traços característicos, como o inconformismo, o espírito de aventura, a capacidade criadora com novas respostas para o mundo apontando para novas esperanças, a busca pela liberdade, a alegria, a felicidade, muito sensíveis aos problemas sociais, exigindo dos demais autenticidade e simplicidade, rejeitando, muitas vezes com rebeldia, as hipocrisias e contra valores.

³¹ JOÃO PAULO II, *Discurso inaugural IV*, In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Conclusões da conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina*, n. 865.

³² Quanto ao significado da expressão “opção preferencial”, sugerimos que sejam lidas as páginas 58 a 60, da sessão das Conclusões de Puebla, Paulinas, 13ª ed., 2004, intitulada como: Introdução a uma leitura do documento a partir da opção preferencial pelos pobres.

Segundo Puebla, a ausência do diálogo entre adultos e jovens faz parecer a sociedade, pois ao perceberem que não são levados a sério, os jovens se lançam por diferentes caminhos, nem sempre promissores para si e para os demais. Reconhece ainda que grande parte do mundo adulto apresenta-se aos jovens como hipócrita e manipulador, o que desorienta os jovens deixando-os a mercê de muitos perigos que a sociedade lhes impõe. A conferência ainda tratará de diversos outros aspectos da realidade juvenil, apontando para suas fragilidades e necessidades de cuidado e fortalecimento. Com veemência afirma: “A juventude da América Latina não pode ser considerada em abstrato. Há diversidade de jovens, caracterizados por sua situação social ou pelas experiências sociopolíticas que vivem [...]” (DP, n. 1175). Novamente nos deparamos com a percepção da Igreja em relação à diversidade dos grupos juvenis, o que é fator fundamental para sua proximidade com eles, diminuindo o risco de totalitarismos e legalismo que muito distanciam a Igreja dos jovens (cf. DP, n. 1176-1177).

Em diversos momentos a Igreja afirma ver nas juventudes uma enorme força renovadora, que é símbolo da própria Igreja. Puebla nos indica que um “[...] serviço prestado com humildade à juventude deve fazer com que mude na Igreja qualquer atitude de desconfiança ou incoerência para com os jovens” (DP, n. 1178), trazendo-os para o centro das discussões e preocupações de nossos espaços eclesiais, dando-lhes possibilidades de serem protagonistas em seu processo de pertença a Igreja e de envio em missão. A comunidade não pode ignorar o fato de que muitos jovens amam a Igreja e querem fazer parte de sua trajetória, mas que muitos outros não apresentam interesse por estarem inseridos na vida eclesial, e tão pouco estão interessados em assumir uma ou outra religião. Essa tomada de consciência também nos alerta para o fato que “os jovens desejosos de se realizar na Igreja podem ficar frustrados por não encontrarem uma boa planificação e programação pastoral que corresponda à realidade histórica em que vivem” (DP, n. 1181), o que torna um desafio para toda a comunidade eclesial que é convocada a abrir-se para bem acolher e incentivar esses irmãos na fé.

Compreender que a “a Igreja contempla com otimismo e profunda esperança a juventude”³³ é um caminho proposto pela conferência para estreitar

³³ JOÃO PAULO II, *Discurso do santo padre durante a visita à escola católica de “Miguel Angel” da cidade do México*, 30 de janeiro de 1979, n. 2, Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790130_messico-studenti-cattolici_po.html, Acesso em: 02 dez. 2014.

os laços com os grupos juvenis da década de 70 e certamente muito válida para os tempos atuais, como poderemos ver a partir da quinta conferência. Esse processo permitirá a Igreja afirmar com palavras e com o testemunho o que seu Magistério diz aos jovens: “Recordai sempre que só se vos apoiáis, como diz São Paulo, sobre o único fundamento que é Jesus Cristo (cf. 1Cor 3,11), podereis construir algo de verdadeiramente grande e duradouro”³⁴. Aqui encontramos um compromisso da Igreja com seus jovens, pois eles que são a esperança de seu futuro necessitam receber a herança da fé para que possam manifestar-se como a verdadeira esperança que a Igreja, e também significativa parcela da sociedade, depositam neles. Puebla veio com o intuito de dar uma resposta à situação das juventudes, embasada nos critérios de verdade propostos por João Paulo II e mencionados em seu discurso inaugural:

Com a vivacidade que é própria dos vossos anos, com o entusiasmo generoso do vosso coração, caminhai ao encontro de Cristo: só Ele é a solução de todos os vossos problemas; só Ele é o caminho, a verdade e a vida; só Ele é a verdadeira salvação do mundo; só Ele é a esperança da humanidade³⁵.

Trata-se de apresentar aos jovens a verdade sobre Jesus Cristo, a verdade sobre a missão da Igreja e a verdade sobre o homem (cf. DP, n. 1182). É o próprio Cristo quem caminha em direção aos jovens e é para Ele que João Paulo II aponta:

Procurai a Jesus, esforçando-vos por conseguir uma fé pessoal profunda que informe e oriente toda a vossa vida; mas, sobretudo, que o vosso compromisso e o vosso programa sejam amar a Jesus, com um amor sincero, autêntico e pessoal. Ele deve ser vosso amigo e vosso apoio no caminho da vida. Só Ele tem palavras de vida eterna (cf. Jo 6,68)³⁶.

Percebemos aqui a preocupação do Pontífice em apresentar aos jovens aquele que pode ser o fundamento de suas vidas, sem tirar-lhes a responsabilidade em buscar Jesus, e assim como Ele vem ao encontro de cada um, conforme vemos em Puebla também os jovens caminham em sua direção: “Embora não se dê conta disso, a juventude vai ao encontro de um Messias, Cristo, o qual caminha em direção dos jovens. Somente ele torna o jovem verdadeiramente livre” (DP, n. 1183). Propõe aos jovens a amizade de Cristo, uma amizade segura, que abre perspectivas de futuro, pois na terra aponta para a plenitude, conduz por caminhos

³⁴ Ibid., n. 2.

³⁵ Ibid., n. 3.

³⁶ Ibid., loc. cit.

que levam a eternidade. O Pontífice alimenta nos jovens, esperança da Igreja, um caminho de esperança. Trata-se de uma esperança ativa, onde a trajetória do encontro se dá na iniciativa do Cristo que vem, mas que se realiza de fato no querer daquele que o espera, pois este querer, pela graça de Deus, torna-se uma espera ativa, desejosa, que por todas as possibilidades quer antecipar a experiência do encontro ainda que não em sua plenitude. João Paulo II em sua mensagem aos jovens na ocasião de Puebla diz:

A vossa sede de absoluto não pode ser saciada pelos resultados de ideologias que levam ao ódio, à violência e ao desespero. Só Cristo, procurado e amado com amor sincero, é fonte de alegria, de serenidade e de paz. Mas, depois de se haver encontrado a Cristo, depois de se ter descoberto quem Ele é, não se pode deixar de sentir a necessidade de o anunciar. Sabei ser testemunhas autênticas de Cristo; sabeis viver e proclamar, com atos e com palavras, a vossa fé. Vós, queridíssimos jovens, deveis ter a ânsia e o desejo de serdes portadores de Cristo a esta sociedade atual, mais do que nunca necessitada d'Ele, mais do que nunca à procura d'Ele, apesar das aparências poderem talvez fazer crer o contrário³⁷.

João Paulo II deixou claro que é desse encontro com Cristo, do experimentar sua vida, que os jovens poderão abrir-se às moções do Espírito e darem continuidade à evangelização em meio a toda sociedade. Fundamentados no evento Cristo, nos valores evangélicos que ultrapassam inclusive os ditames da religião, os jovens poderão corresponder à esperança que a Igreja lhes deposita, e a conferência de Puebla não deixa de acenar para essa realidade ao afirmar:

Este é o Cristo que deve ser apresentado aos jovens como libertador integral que, pelo espírito das bem-aventuranças, oferece a todo jovem a inserção num processo de constante conversão; compreende suas fraquezas e oferece-lhe um encontro muito pessoal com Ele e com a comunidade [...]. O jovem deve experimentar Cristo como amigo pessoal que nunca falha, caminho de total realização. Com ele e pela lei do amor, o jovem caminha em direção do Pai comum e dos irmãos. Com isto, sente-se verdadeiramente feliz (DP, n. 1183).

Seguindo Puebla, podemos afirmar que os jovens devem sentir que são Igreja, que pertencem ao Corpo de Cristo enquanto membros amados e necessários, encontrando nela um lugar de comunhão e participação. A Igreja necessita abrir suas portas para acolher o novo que chega e deixar que a Revelação continue nesses que são seu futuro, que são sua esperança. É na Igreja que os jovens devem encontrar o espaço para ser o povo das bem-aventuranças, o

³⁷ Ibid., loc. cit.

povo que se encontra com Cristo, que o experimenta e o segue na entrega pelo futuro prometido que tem seu início na história. Experimentando Cristo, assumindo suas atitudes, os jovens promovem e defendem a dignidade de toda a humanidade, não apenas por ideologias, mas pela certeza de uma experiência que diariamente torna-se mais próxima de seu êxtase (cf. DP, n. 1184-1185). Mais tarde, João Paulo II em sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christifideles Laici*, nos falará da importância do diálogo com as juventudes, afinal ambos podem crescer nesta convivência e as juventudes são também Igreja, povo de Deus. O Pontífice dirá que:

A Igreja tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas a dizer à Igreja. Este diálogo recíproco, que deverá fazer-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil (*CFL*, n. 46).

Esses mesmos jovens necessitados de cuidado são aqueles que permitem a Igreja dar continuidade a sua missão. A Igreja espera que os jovens sejam evangelizadores dos jovens, que na sociedade deixem as sementes do cristianismo, as marcas dos valores evangélicos, que se sentindo Igreja assumam as atitudes de Cristo, promovam e defendam a dignidade humana, contribuindo assim para a edificação da Igreja e a construção de um mundo sempre mais semelhante com o Reino esperado. Retomamos as palavras de Paulo VI para dizer da esperança de que a Igreja tem em poder contar com os jovens: “[...] os jovens, bem formados na fé e na oração, tornam-se sempre mais os apóstolos da juventude. A Igreja conta muito com sua contribuição, e nós mesmos, muitas vezes manifestamos a nossa plena confiança neles” (*EN*, n. 72). Suas palavras encontram-se com as afirmações de Puebla, que faz das juventudes uma das opções preferenciais da Igreja.

Vemos que a conferência de Puebla, assim como outros documentos eclesiais, é clara ao dizer da esperança da Igreja nos jovens. Permite-nos perceber que a Igreja latino-americana vê nos jovens um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização, porém, Puebla nos traz um diferencial em sua reflexão sobre os jovens, quando coloca sua “opção preferencial pelos jovens com vistas a sua missão evangelizadora no Continente” (DP, n. 1186). Estamos diante de uma afirmação ousada e desafiadora, tanto quanto as

juventudes são ousadas e desafiam nossas acomodações. Em nosso entender, optar pelos jovens significa abrir-se a todas as suas realidades, estar presente em todos os locais onde possam ser encontrados, e principalmente, desenvolver o papel de Mãe que educa no amor e na misericórdia promovendo a liberdade oferecida por Cristo (cf. Gl 5,1). Parece-nos que a proposta de Puebla, mesmo tendo em vista a aproximação dos jovens por conta de seu empenho na evangelização, traz o grande desafio de ir ao encontro dos jovens em suas plurais realidades, seja por meio de outros jovens, seja por meio de outros que respondem a vocação de evangelizar.

Não cremos que estejamos diante de uma Igreja disposta a impor a fé aos jovens que encontra pelas periferias de tantas cidades, desrespeitando sua trajetória, sua cultura e sua própria identidade. Entendemos que estamos diante de uma Igreja disposta a abrir suas portas para o novo que vem, disposta a ir ao encontro das juventudes nos locais onde estão, reconhecendo-as como local de encontro com Deus, chamadas a vida plena em Cristo e chamadas ao anúncio do evangelho. Puebla apresenta a Igreja como possibilidade de encontro entre criatura e Criador: “[...] que os jovens nela [Igreja] busquem o lugar de sua comunhão com Deus e os homens, a fim de construir “a civilização do amor” e edificar a paz na justiça” (DP, n. 1188).

A Igreja deposita nos jovens a esperança de um futuro comprometido com o cristianismo. Um futuro aberto ao conhecimento de Jesus Cristo e a opção preferencial pelos pobres, pois vê neles a possibilidade de colaboradores na construção da “civilização do amor”, onde a paz, fruto da justiça, brotará das atitudes de homens e mulheres comprometidos com a causa do Reino de Deus a dar-se na história peregrinando para sua plenitude na pátria celeste. Para isso a Igreja tem por missão apresentar ao jovem Cristo vivo, modelo de autenticidade, simplicidade e fraternidade; libertador de todo pecado e de suas consequências e que compromete a todos na libertação ativa dos irmãos por meios não violentos (cf. DP, n. 1194).

Por fim, a conferência nos aponta uma Igreja que seja repleta de alegria e esperança, que saiba transmitir a mensagem da salvação de maneira alegre e jovial a um mundo muitas vezes triste, oprimido e desesperançado. Entendemos que a conferência de Puebla chama-nos a termos atenção as realidades juvenis e ao esforço em buscar alternativas para comunicar-se com as mesmas, de forma que a

Igreja não se limite em proferir discursos de profundo teor teológico, cuja linguagem pouco seja compreendida por aqueles jovens que muitas vezes estão preocupados com seu hoje, com seu alimento, com sua sobrevivência (cf. DP, 1205). Aqueles que são sua esperança necessitam serem alimentados pela esperança cristã, e essa missão Puebla delegou à Igreja.

Na sequência nos deteremos na conferência de Santo Domingo, especificamente em seus apontamentos acerca dos jovens e da esperança neles depositada.

2.2.3. O jovem na Conferência de Santo Domingo

Queremos iniciar nossa reflexão acerca da esperança da Igreja nos jovens a partir da conferência de Santo Domingo fazendo memória das palavras de João Paulo II no discurso inaugural acontecido em 12 de outubro de 1992. Recorrendo as suas próprias palavras contidas na exortação apostólica *Christifideles Laici*, o Pontífice lembrará que todos os fiéis estão comprometidos com a nova evangelização, e em especial fazemos menção às palavras que afirmam a importância de viver o Evangelho ao serviço dos valores e das exigências da pessoa e da sociedade (cf. *CFL*, n. 64). Entendemos que a nova evangelização passa, sobretudo pelo testemunho dos que evangelizam com o intuito não de impor uma religião ou mesmo a fé que professam, mas com o objetivo primeiro de anunciar os valores do Reino e colaborar no florescer do mesmo em meio a toda a humanidade independente de seus credos religiosos. Pensamos que essa é uma atitude de gratuidade da Igreja, de verdadeira adesão à missão que Cristo lhe confiou. Assim, reafirmamos nossa ideia de que o encontro com os jovens, a esperança depositada neles, não pode restringir-se ao mero interesse de expansão e perpetuidade da Igreja, mas como significativa parcela da humanidade a qual Deus também se auto comunica e para a qual a Igreja é enviada a anunciar os valores do Reino, não aprisionando a revelação a condição de uma adesão religiosa. Verificando os estudos realizados e publicados por J. Moingt compreendemos que a revelação,

[...] não se reduz tampouco a ter confiança na autoridade divina da Igreja para conduzir os homens à salvação por seus ensinamentos e seus ritos, como se a

revelação que ela traz se reduzisse a uma cultura religiosa [...] a revelação cristã é auto comunicação da Trindade advindo para sempre a todo individuo [...]”³⁸.

A nova evangelização proposta em Santo Domingo certamente foi dirigida aos jovens de outrora e pode ser repensada em nossos tempos, pois a mudança de época é real na contemporaneidade e as juventudes estão no centro de todos os acontecimentos, na maioria das vezes como vítimas de um sistema econômico cuja meta é o lucro e não a dignidade das pessoas. João Paulo II em seu discurso inaugural irá referir-se aos jovens como sendo aqueles a quem se deve anunciar Jesus Cristo, mas como aqueles a quem se deve libertar das ilusões do consumismo, oferecendo-lhes ideais nobres que possam ser apoio na conquista de seus ideais de uma sociedade mais justa e fraterna³⁹. Novamente o Pontífice coloca como necessidade para a nova evangelização o encontro com o jovem em sua realidade, em suas aspirações mais profundas, em suas necessidades de salvação na concretude da história.

Essas afirmações do Magistério por ocasião da conferência de Santo Domingo nos permitem ir ao encontro da esperança que a Igreja pode depositar nas juventudes. Trata-se de uma esperança verdadeira, pois sabe das necessidades e dos direitos desses jovens, que nem sempre estarão aptos a abraçar a fé dentro da Igreja, mas que nem por isso deixam de trazer em si aos valores do Reino que podem ser desenvolvidos lá em suas realidades pessoais e grupais, permitindo que Deus continue se auto comunicando à humanidade por meio de grupos e culturas diversificadas. Essa auto comunicação de Deus permite a humanidade, de todas as idades e de todas as culturas, empenhar sua vida na construção de uma civilização do amor, invadida por uma esperança que não se fixa “neste mundo”, mas que é capaz de fazer caminhar rumo à plenitude em Cristo, plenitude de toda a humanidade.

No decurso dos apontamentos referentes a esperança da Igreja nos jovens, no contexto de Santo Domingo, queremos aprofundar a reflexão acerca de uma nova evangelização com vistas ao anúncio dos valores evangélicos entre todos os povos, inclusive entre os grupos juvenis, superando a mentalidade do

³⁸ MOINGT, J., *Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento* (vol. 2), p. 196.

³⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso inaugural da IV conferência geral do episcopado latino-americano de Santo Domingo*, 12 de outubro de 1992, In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, *Conclusões da conferência de Santo Domingo: nova evangelização, promoção humana, cultura cristã*, n. 27.

“arrebanhamento”, ou seja, de atrair os jovens simplesmente como peças necessárias a continuidade da instituição. Trazemos para o centro da reflexão uma nova evangelização pautada no encontro com Jesus Cristo, a revelação do Pai, que se dá na história da humanidade de todos os tempos, sem enfatizar adesões religiosas, mas sempre a pessoa e sua dignidade. Assim podemos nos deparar com uma Igreja que deposita nos jovens uma esperança que ultrapassa qualquer instituição, que vai em direção à humanidade de todos os tempos e espaços⁴⁰.

Se assim for, nossa Igreja terá espaço para todos os grupos juvenis em suas mais diversificadas peculiaridades, permitindo que sejam sua esperança sem que haja a necessidade da imposição religiosa, pois saberá que Deus está em cada um de seus filhos, e é sua missão ir ao seu encontro na esperança de neles encontrar-se com o Deus da revelação e deles ver emanar novos e autênticos testemunhos da vivência evangélica em meio ao mundo. Nossa Igreja é chamada a se dedicar a educar e a fazer crescer a liberdade dos homens diante de Deus e isso acontece quando se adapta a suas necessidades, mesmo sob o risco de que eles venham a se emancipar de sua autoridade⁴¹.

Seguindo a conferência afirmamos que é missão da Igreja ser semeadora da esperança. Esperança que se apoia nas promessas de Deus, na fidelidade a sua palavra e que tem como certeza a ressurreição de Cristo que é o fundamento de toda promoção humana⁴², de tal forma que essa esperança fomenta no mundo, principalmente nas juventudes, o desejo e o empenho em fazer visíveis os valores evangélicos em toda sociedade. Pela força do Espírito, a Igreja pode empenhar-se na nova evangelização, estando em contínuo processo de conversão, buscando testemunhar a unidade na diversidade dos ministérios e carismas, vivendo intensamente seu compromisso missionário. Somente uma Igreja evangelizada é capaz de evangelizar, de sair de si mesma e de ir ao encontro do mundo (cf. DSD, n. 23), é o testemunho de uma Igreja evangelizada que poderá contribuir para que muitos jovens deem sentido a própria vida e assim a missão desses será:

⁴⁰ Neste contexto fazemos menção ao que nos diz J. Moingt em sua obra *Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento* (vol. 2), p. 113: “Deus não se retirou para o céu confiando-lhe o cuidado de seus afazeres, ele está sempre em busca dos pecadores que se perdem, o Pai em ato de lhes enviar seu Filho, e o Filho seu Espírito, e a Igreja é ela própria levada a se colocar em movimento e ir ao encontro de todos os homens para lhes trazer a salvação de Deus lá onde eles estão e de uma maneira apropriada a fim de lhes fazer acolhê-la. [...] exortada a sair de seus recintos, a Igreja não ousa mais se apresentar como “sociedade perfeita”, acabada; ela se sente desinstalada, colocada em marcha, projetada sobre os caminhos dos homens [...]”.

⁴¹ Cf. MOINGT, J., *Deus que vem ao homem, da aparição ao nascimento* (vol. 2), p. 174.

⁴² Cf. JOÃO PAULO II, op. cit., n. 25.

[...] prepará-los para serem os homens e mulheres do futuro, responsáveis e ativos nas estruturas sociais, econômicas, culturais, políticas e eclesiais do vosso país para que, formados pelo espírito de Cristo e por sua inspiração consigam soluções originais, contribuindo para alcançar um desenvolvimento cada vez mais humano e cristão⁴³.

Na ocasião do discurso o Pontífice dirige-se aos jovens, afirmando-lhes que a fé cristã ensina que vale a pena trabalhar por uma sociedade mais justa, que vale a pena defender os inocentes, os oprimidos e os pobres. Vemos em suas palavras uma Igreja verdadeiramente interessada na construção da civilização do amor, colocando nos jovens a esperança de um amanhã invadido pela vida digna, pelo desabrochar do Reino de Deus. Ao referir-se aos jovens como “os jovens do continente da esperança”⁴⁴, João Paulo II nos permite compreender que na diversidade dos rostos juvenis encontra-se a possibilidade de uma Igreja sempre mais inserida em meio ao mundo, dedicando-se na edificação do Reino junto aos mais necessitados. A Igreja crê nos jovens, por isso os exorta a fim de que estejam à frente da civilização do amor, tão desejada pelos primeiros cristãos e expressa na espera da iminente vinda de Cristo o que mais tarde traduziu-se na vivência do amor fraterno com vistas à antecipação de seu Reino na história. A Igreja pede às juventudes que:

[...] as dificuldades que os toca viver não sejam um obstáculo ao amor, à generosidade, mas sim um desafio a vossa vontade de servir. Deveis ser fortes e valentes, lúcidos e perseverantes. Não vos deixem seduzir pelo hedonismo, a evasão, a droga, a violência e as mil razões que se aparentam justificáveis⁴⁵.

Assim como em outros posicionamentos da Igreja, Santo Domingo também reconhece que nem todos os jovens são iguais, que está diante de uma diversidade de grupos com características bem distintas (cf. DSD, n. 112), mas nem por isso deixa de confiar neles, de reafirmá-los como sua opção preferencial (cf. DSD, n. 114), assim como o fez a conferência de Puebla. Propõe-se a esse fim de maneira afetiva e efetiva, promovendo a proximidade com os jovens por meio do diálogo

⁴³ JOÃO PAULO II, *Santa missa em el santuario de Nuestra Señora de la Altagracia, homilía del santo padre*, 12 de outubro de 1992, n. 4, Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1992/documents/hf_jp-ii_hom_19921012_altagracia_sp.html, Acesso em: 03 dez. 2014. Tradução nossa.

⁴⁴ Cf. *Ibid.*, loc. cit.

⁴⁵ *Ibid.*, loc. cit.

entre esses, seus pastores e a comunidade, dando ênfase à dimensão vocacional⁴⁶, ao acompanhamento dos adolescentes e jovens, no intuito de colaborar com seu amadurecimento afetivo, com sua formação humana e até mesmo com seu crescimento na fé. Entra na pauta dessa opção também o esforço por capacitar os jovens para que possam conhecer e responder aos impactos culturais e sociais de suas realidades, ajudando-os a se comprometer não apenas com as pastorais da Igreja, mas, diríamos, sobretudo, com as necessárias transformações da sociedade (cf. DSD, n. 115).

A conferência deseja que os jovens sejam evangelizadores dos próprios jovens e vê no sacramento da confirmação um momento importante para levá-los a essa missão, no entanto, não está fechada a promover os jovens simplesmente com o intuito de tê-los como membros da Igreja, mas promove-os como agentes de transformação da sociedade como um todo por meio das vivências dos valores evangélicos, o que podemos perceber na citação que segue: “Que dinamize uma espiritualidade do seguimento de Jesus que propicie o encontro entre a fé e a vida, que seja promotora da justiça, da solidariedade e que anime um projeto promissor e gerador de uma nova cultura de vida” (DSD, n. 116). Ainda na direção de uma evangelização pautada no respeito à diversidade juvenil, a conferência aponta para a importância de valorizar também as novas formas celebrativas da fé que são próprias das culturas juvenis, não obstruindo a criatividade e a pedagogia dos sinais, mas incentivando esses aspectos, obviamente sem deixar de respeitar a essência da liturgia (cf. DSD, n. 117), e hoje ousamos dizer a essência do cristianismo.

A Igreja tem a missão de anunciar aos jovens que o Deus da vida os ama e tem esperança em cada um, que deseja um futuro diferente, sem opressão e marginalizações onde a vida plena seja acessível a todos. Cabe a Igreja, apresentar aos jovens, Jesus Cristo, como caminho, verdade e vida, como aquele que pode responder aos seus anseios de realização pessoal e a sua necessidade de encontrar o verdadeiro sentido da vida (cf. DSD, n. 118-119). Indubitavelmente a Igreja deposita nos jovens sua esperança e crê que do meio de tantos que encontrará

⁴⁶ Compreendemos a dimensão vocacional como o chamado de Deus à vida, a cocriação, a participação do homem na obra criadora de Deus, que melhor podemos elucidar na leitura antropológica do relato da criação. Sugerimos como aprofundamento da temática o estudo desenvolvido por Alfonso García Rubio em sua obra *Unidade na Pluralidade*.

poderá ver despontar os que também abraçarão a fé, e a estes entrega seu legado, conforme podemos ver nas palavras da conferência de Santo Domingo:

Para responder à realidade cultural atual, a pastoral juvenil deverá apresentar, com força e de um modo atraente e acessível à vida dos jovens, os ideais evangélicos. Deverá favorecer a criação e animação de grupos e comunidades juvenis vigorosas e evangélicas, que assegurem a continuidade e a perseverança dos processos educativos dos adolescentes e jovens, e os sensibilizem e comprometam a responder aos desafios da promoção humana, da solidariedade e da construção da civilização do amor (DSD, n. 120).

Enfim, conforme vemos, a conferência convida os jovens para que sejam força renovadora da Igreja e esperança do mundo (cf. DSD, n. 293), pois a Igreja reconhece que:

[...] a sensibilidade dos jovens intui profundamente os valores da justiça, da não-violência e da paz. O seu coração está aberto à fraternidade, à amizade e à solidariedade. Deixam-se mobilizar ao máximo em favor das causas que concernem à qualidade da vida e a conservação da natureza. Mas, estão eles também cheios de inquietações, de desilusões, angústias e receios do mundo, para além das tentações próprias do seu estado (CFL, n. 46).

Desta maneira concluímos a abordagem a quarta conferência episcopal latino-americana, compreendendo que os jovens ocupam na Igreja espaço preferencial, que devem ser compreendidos de maneira afetiva e efetiva, que desafiam a Igreja a sair de suas dependências para ir ao encontro dos mais diversificados grupos juvenis, no intuito de levar-lhes vida digna, conforme o anúncio da boa nova de Jesus Cristo. Esses que a Igreja encontrará, muitas vezes nas periferias do mundo, poderão ser protagonistas da verdadeira civilização do amor, abraçando não apenas, ou necessariamente a fé, mas a vivência dos valores evangélicos em meio a toda comunidade humana.

Assim nos permitimos dar um novo passo, e estender o olhar à quinta conferência latino-americana acontecida na cidade de Aparecida/SP, no ano de 2007.

2.2.4. A opção pelos jovens na Conferência de Aparecida

Continuamos nossos estudos propondo um olhar sobre a quinta conferência episcopal latino-americana acontecida no Brasil, no ano de 2007 na cidade de

Aparecida/SP/Brasil. A conferência de Aparecida servirá de base para nossa redação, retirando dessa os pontos convergentes à temática em questão, os jovens e a esperança da Igreja nos mesmos.

De acordo com C. Castillo, em sua obra *La opción por los jóvenes en Aparecida*, o documento apresenta o claro objetivo evangelizador, ou seja, uma Igreja que testemunha Jesus em meio aos povos, contribuindo para que tenham vida plena em todos os seus aspectos e manifestações, desde a satisfação das necessidades básicas até as mais profundas e sutis⁴⁷. Com isso, entendemos que os jovens pertencem ao campo de interesse da Igreja, uma vez que estão aí, pertencentes as mais diversas culturas, sendo apontados pelas demais conferências episcopais latino-americanas como objetos e sujeitos da evangelização. C. Castillo nos diz que:

[...] os jovens estão presentes neste documento devido ao que os bispos os têm em suas mentes quando pretendem orientar nossas Igrejas frente ao futuro. Quando se fala de discípulo e missionário se pensa em todos os que compõem a Igreja da América Latina, porém muito especialmente nas gerações jovens do presente que tem que assumir esta missão no futuro [...]⁴⁸.

Com o autor, entendemos que o DAp fala aos jovens direta e indiretamente! O faz diretamente nos números em que os aponta como objeto central de reflexão, e indiretamente quando os trata como discípulos missionários do presente e do futuro. Segundo C. Castillo, encontramos 51 parágrafos fazendo referência direta aos termos jovens, jovem, juventude, adolescentes e novas gerações, o que corresponde a pouco menos de 10% do documento⁴⁹. Os jovens estão no horizonte de Aparecida como uma tela de fundo que representa parte de todo o desafio lançado a Igreja latino-americana, afirmando Jesus como vida plena para todos, conforme nos diz o próprio DAp: “Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários” (DAp, n. 11).

Precisamos ter em Cristo nosso recomeço, pois “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso,

⁴⁷ Cf. CASTILLO, C., *La opción por los jóvenes en Aparecida*, p. 13.

⁴⁸ Ibid., p. 13-14. Tradução nossa.

⁴⁹ Cf. Ibid., p. 14.

uma orientação decisiva” (DCE, n. 1). A conferência nos dá a plena esperança de que esse recomeçar em Cristo é uma proposta de vida para todos os jovens do continente e do mundo, desde que tenham a possibilidade de fazer sua experiência com o Senhor por meio das testemunhas de ontem e de hoje⁵⁰. Um recomeçar que vai além de medíocres pragmatismos da vida cotidiana da Igreja aonde a fé vai se desgastando e se degenerando em mesquinhez⁵¹, mas um recomeçar que permita aos jovens o encontro com o Senhor da vida, encarnado em suas próprias histórias, verdadeiro Emanuel, Deus conosco, (cf. Mt 1,23) que ouve os clamores de seu povo e vem ao seu encontro (cf. Ex 3,7) e se faz o Deus de todos os povos e nações (cf. Mt 28,19), de todas as raças e culturas, de todos os tempos e gerações.

O DAp apresenta-nos a realidade da globalização sob a ótica da pobreza e da exclusão, que traz uma crise de sentido para todos, inclusive para os jovens (cf. DAp, n. 37). Segundo C. Castillo “a globalização da pobreza, afeta, sobretudo ‘as novas gerações’, ou seja, os nossos jovens”⁵². Fator que não pode ser ignorado por nossa Igreja se de fato tem interesse em estar com os jovens, acolhê-los e não apenas tê-los como novos católicos, mas promover-lhes a vida plena oferecida por Jesus Cristo, uma vida que ultrapassa regras morais ou religiosas, mas que se traduz nas mais diversas culturas por meio das vivências dos valores evangélicos, como o amor, a solidariedade, a paz, a igualdade, enfim, a vida abundante para todos, que nós cristãos entendemos como o projeto de Jesus Cristo, o Reino de seu Pai.

⁵⁰ O DAp nos ajuda inclusive a pensar sobre as dificuldades da transmissão da fé às novas gerações como fruto da realidade atual. Podemos aprofundar essa temática recorrendo ao n. 39 do documento, que diz: “Nossas tradições culturais já não se transmitem de uma geração à outra com a mesma fluidez que no passado. Isso afeta, inclusive, esse núcleo mais profundo da cultura, constituído pela experiência religiosa, que se torna agora igualmente difícil de ser transmitido através da educação e da beleza das expressões culturais, alcançando inclusive a própria família que, como lugar do diálogo e a solidariedade inter-geracional, havia sido um dos veículos mais importantes da transmissão da fé. Os meios de comunicação invadiram todos os espaços e todas as conversas, introduzindo-se também na intimidade do lar. Ao lado da sabedoria das tradições, localizam-se agora, em competição, a informação de último minuto, a distração, o entretenimento, as imagens dos vencedores que souberam usar a seu favor as ferramentas tecnológicas e as expectativas de prestígio e estima social. Isso faz com que as pessoas busquem denodadamente uma experiência de sentido que preencha as exigências de sua vocação, ali onde nunca poderão encontrar”.

⁵¹ Cf. RATZINGER, J., *Situação atual da fé e da teologia*. Conferência pronunciada no encontro de presidentes de comissões episcopais da América Latina para a doutrina da fé, celebrado em Guadalajara, México, 1996. Publicado em *L'Osservatore Romano*, em 1º de novembro de 1996.

⁵² CASTILLO, C., op. cit., p. 21. Tradução nossa.

Olharemos o DAp em continuidade com as conferências gerais anteriores, renovando de maneira eficaz e realista a opção preferencial pelos jovens, com o intuito de dar novo impulso à Pastoral da Juventude nas comunidades eclesiais (cf. DAp, 446a). Segundo C. Castillo trata-se de uma opção pastoral, o que não desmerece em nada essa opção pelos jovens, mas salienta seu caráter dogmático-teológico dependente da opção preferencial pelos pobres⁵³. Esta vinculação nos permite pensar que os jovens, enquanto em sua maioria, pobres, são sujeitos de predileção da Igreja, porque são os preferidos do Senhor, e como jovens em sua realidade ontológica são também sua opção porque trazem em si a esperança do amanhã, a continuidade da vida em sua mais profunda e ampla realidade, o que nos permite compreender a esperança que a Igreja deposita neles, esperança de um futuro melhor para cada um que constitui-se como centralidade do Reino, e esperança de que o cristianismo não morrerá em meio as mais variadas culturas, pois passa por suas vidas e continua tomando vida em todos os tempos e espaços.

O DAp apresenta a realidade dos jovens como um conjunto de desafios que pedem a Igreja uma resposta. Em sua maioria são identificados com os pobres do continente e do mundo, por isso são opção central da Igreja, por serem atingidos em sua dignidade numa proporção muito maior do que aqueles que gozam de vida digna. O DAp os apresenta na lista daqueles que representam o rosto sofredor de Cristo em meio aos povos, como podemos ver na citação que segue:

Isso nos deveria levar a contemplar os rostos daqueles que sofrem. Entre eles, estão [...] jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; [...] meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual [...] (DAp, n. 65).

O mesmo número do documento continua apontando outros rostos do Cristo sofredor, dentre os quais ainda identificamos nossos jovens, que em sua maioria são as vítimas do desemprego, das drogas, dos encarceramentos, da escravidão trabalhista e sexual, e inclusive das mortes não naturais. Entre os números 407 e 430 o documento falará especificamente desses sofrimentos enfrentados pelos jovens. O documento constata com preocupação que inúmeros jovens passam por situações que os afetam significativamente, produzindo neles profundas carências

⁵³ Cf. CASTILLO, C., op. cit., p. 24-25.

afetivas e conflitos emocionais. (cf. DAp, n. 444). Tudo isso nos mostra novamente as juventudes formando-se a partir das grandes influências que lhes vêm das gerações precedentes. Não é dissociado de uma história real que vemos nossos jovens imersos no hedonismo, na busca do prazer imediato, na alienação mediante as grandes problemáticas mundiais. O DAp nos diz que:

A avidez do mercado descontrola o desejo de crianças, jovens e adultos. A publicidade conduz ilusoriamente a mundos distantes e maravilhosos, onde todo desejo pode ser satisfeito pelos produtos que têm caráter eficaz e até messiânico. Legitima-se que os desejos se tornem felicidade. Como só se necessita do imediato, a felicidade se pretende alcançar através do bem-estar econômico e da satisfação hedonistas (DAp, n. 50).

A Igreja reconhece que “os jovens são vítimas da influência negativa da cultura pós-moderna [...] trazendo consigo a fragmentação da personalidade [...]” (DAp, n. 318), mas é a esses jovens que a Igreja se sente chamada a ir ao encontro, a não abandonar, a estar com eles testemunhando Jesus Cristo e seu projeto. É nesses jovens reais que a Igreja deposita sua esperança, nesses que diariamente lutam, a sua maneira, pela sobrevivência, pela graça de se manterem vivos em um mercado que pouco ou nada se importa com a vida dos pobres e marginalizados. A eles a Igreja é chamada a anunciar a verdadeira esperança, o Cristo ressuscitado, que vive e dá vida a toda a humanidade.

A Igreja demonstra ver nos jovens todas as suas reais qualidades e também aquelas que podem desenvolver a partir do encontro com Jesus Cristo. Os têm como sementes prontas a germinar para o bem pessoal e de toda a comunidade humana. Vê em cada um a possibilidade da amizade com Cristo, de generosidade com a humanidade, de compromisso com a renovação do mundo segundo os planos de Deus, capazes de enfrentar ideais mentirosos que ferem a vida anunciando os valores evangélicos aos seus irmãos jovens. O DAp nos diz que:

Os jovens e adolescentes constituem a grande maioria da população da América Latina e do Caribe. Representam enorme potencial para o presente e o futuro da Igreja e de nossos povos, como discípulos e missionários do Senhor Jesus. Os jovens são sensíveis a descobrir a própria vocação a ser amigos e discípulos de Cristo. São chamados a ser “sentinelas da manhã”⁵⁴, comprometendo-se na renovação do mundo à luz do Plano de Deus. Não temem o sacrifício nem a

⁵⁴ JOÃO PAULO II, *Mensagem do Papa em preparação para a XVIII jornada mundial da juventude a celebrar no domingo de Ramos de 2003*, 8 de março de 2003, n. 6, Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/youth/documents/hf_jpii_mes_20030311_xviii-world-youth-day_po.html, Acesso em: 02 dez. 2014.

entrega da própria vida, mas sim uma vida sem sentido. Por sua generosidade, são chamados a servir a seus irmãos especialmente aos mais necessitados, com todo o seu tempo e vida. Têm capacidade para se opor às falsas ilusões de felicidade e aos paraísos enganosos das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência. Em sua procura pelo sentido da vida, são capazes e sensíveis para descobrir o chamado particular que o Senhor Jesus lhes faz. Como discípulos missionários, as novas gerações são chamadas a transmitir a seus irmãos jovens, sem distinção alguma, a corrente de vida que procede de Cristo e a compartilhá-la em comunidade, construindo a Igreja e a sociedade (DAP, n. 443).

É profundamente encantador perceber que a nossa Igreja, mesmo conhecendo todas as mazelas que afligem os jovens e suas necessidades de duradouros cuidados, confia-lhes o seu próprio futuro ao reconhecê-los como agentes de evangelização capazes de enfrentar tudo o que se manifesta contra a própria vida e a vida da humanidade. Os reconhece ainda como novos sujeitos que emergem em meio à realidade da mudança cultural, com novos estilos de vida, maneiras de pensar, de sentir, de perceber e com novas formas de se relacionar, enfim, como produtores e atores de uma nova cultura (cf. DAP, n. 51) capazes de deixar viver Jesus Cristo em meio a essas realidades culturais que por vezes lançam-se contra o projeto do Reino. A Igreja acredita que os jovens podem inculturar a Boa Nova nesse mundo que emerge de valores tantas vezes contrários aos pregados pela própria Igreja, que em suas mãos está à possibilidade de dar vida a Palavra em meio as reais situações que afligem a humanidade.

Através da conferência de Aparecida nossa Igreja demonstra grande esclarecimento até mesmo diante da situação educacional que pouco colabora com a formação integral das novas gerações. O DAP nos diz que:

[...] as novas formas educacionais de nosso continente, impulsionadas para se adaptar às novas exigências que se vão criando com a mudança global, aparecem centradas prioritariamente na aquisição de conhecimentos e habilidades que denotam claro reducionismo antropológico, visto que concebem a educação preponderantemente em função da produção, da competitividade e do mercado. Por outro lado, com frequência, elas propiciam a inclusão de fatores contrários à vida, à família e a uma sadia sexualidade (DAP, n. 328).

Estamos diante de uma educação que pouco colabora com os jovens em sua busca pela verdadeira felicidade, em suas escolhas diante das ofertas que o mundo lhes trás. Nessa situação a formação humana é deixada de lado, a qualidade de vida dos jovens é relativizada, seu compromisso com a vida é enfraquecido, e novamente vêm desses preferidos pelo Senhor, por serem pobres, o grito de

abandono que urge pelos cuidados da Mãe Igreja. Assim, a Igreja é chamada a promover uma educação de qualidade para todos, especialmente para os mais pobres, uma educação “que ofereça às crianças, jovens e aos adultos o encontro com os valores culturais do próprio país, descobrindo ou integrando neles a dimensão religiosa e transcendente” (DAp, n. 334).

São esses jovens, com toda a sua realidade, que alentam a esperança da Igreja apesar das crescentes dificuldades as quais estão submetidos. (cf. DAp, n. 127). No entanto, se constata um problema de linguagem na Igreja, que dificulta sua adaptação a cultura juvenil, conforme nos detalha o próprio DAp. Vejamos:

Na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral, persistem também linguagens pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens. Muitas vezes as linguagens utilizadas parecem não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por um amplo pluralismo social e cultural (DAp, n. 100d).

O documento fala de uma linguagem eclesial que parece não evoluir juntamente com a realidade social e cultural e que, por isso, não é suficiente para atingir os homens e mulheres do presente, sendo principalmente para os jovens de pouca significação. Segundo C. Castillo parece tratar-se da falta de comunicação de sentido mediante as novas situações vividas na atualidade, como se a Igreja não conseguisse estabelecer um diálogo mais amplo com as novas gerações devido a esta dificuldade de linguagem⁵⁵. Novamente a Igreja vê-se desafiada em sua missão de levar adiante a esperança cristã, e fazê-la conhecida em sua verdade em meio aos povos, aqui em especial, em meio aos jovens. Como vimos até aqui, não se trata de excluí-los da dinâmica do Reino, mas de esforçar-se por encontrar novos caminhos, até mesmo novas linguagens, para manter viva a Boa Nova de Jesus Cristo no presente com vistas também ao futuro.

Diante dos aspectos das realidades juvenis apresentadas até o momento queremos reafirmar com o DAp a importância de que é Jesus Cristo quem deve ser comunicado a nossos povos, em nosso caso, aos jovens. Neste anúncio, destacamos com o DAp, que Jesus Cristo é vida plena para todos e assim é resposta às necessidades da humanidade⁵⁶. Lembramos que a vida em Cristo manifesta-se também no cuidado com a vida dos irmãos e irmãs necessitados, e ai

⁵⁵ Cf. CASTILLO, C., op. cit., p. 37.

⁵⁶ Sobre este aspecto podemos recorrer aos números 347-379 do DAp.

está a missão de nossa Igreja. Se quisermos honrar a Cristo, precisamos cuidar para que não esteja nu, não passe fome, não seja violentado em seus direitos e tão pouco assassinado nos becos de tantas cidades e povoados. Sabemos que os jovens também formam o corpo de Cristo que queremos honrar, juntamente com todos os pobres que necessitam serem revestidos de dignidade e vida plena no Senhor.

Segundo C. Castillo, no que se refere aos jovens, o DAp trata de comunicar concretamente Jesus Cristo tendo em conta cinco critérios de ação: 1) a opção preferencial pelos jovens, 2) as exigências que a sociedade impõe sobre os jovens, 3) a cultura e a Igreja, 4) a pastoral da juventude e suas prioridades inclusive as pedagógicas e 5) o problema dos movimentos nas pastorais das Igrejas locais⁵⁷.

Com relação à opção preferencial pelos jovens, mencionada no número 446a do DAp, podemos dizer que se trata de uma retomada renovada desta opção. Trata-se de uma continuidade fiel às conferências gerais anteriores, porém pretende um novo impulso para a pastoral da juventude. Como vimos acima, aparece como uma opção dependente da opção preferencial pelos pobres, porém é uma opção, e não uma simples prioridade pastoral, “tem toda a seriedade de uma opção evangélica ditada pela mesma Palavra de Deus e sua identificação com os últimos da história, entendidos estes, não só como conflito social (pobres), mas como sucessão geracional (jovens)”⁵⁸. A opção pelos jovens integra a opção pelos pobres, ao mesmo tempo em que está embasada nela.

O interesse da conferência de Aparecida na pastoral juvenil, em seu novo impulso, nos permite compreender que a Igreja não tem se dedicado suficientemente aos jovens. C. Castillo aponta para a carência na formação dos agentes envolvidos com os jovens, bem como o escasso apoio de muitos presbíteros e até mesmo bispos, deixando que as pastorais juvenis se mantenham com muito esforço e não raras vezes com poucos recursos. A decisão de Aparecida de dar maior impulso as pastorais juvenis leva a Igreja a reassumir esse campo de atuação entre os jovens de dentro e de fora do catolicismo⁵⁹.

Esse desejo por uma eficácia e realismo também atinge a esfera da superação de certo romantismo que pode ter existido no modo de conduzir as

⁵⁷ Cf. CASTILLO, C., op. cit., p. 81.

⁵⁸ Ibid., p. 82. Tradução nossa.

⁵⁹ Cf. Ibid., p. 83.

atividades entre os jovens, inclusive àquelas provenientes das pastorais juvenis. O DAp recorda que a atuação entre os jovens deve partir das exigências reais que os afligem, que, como vimos são muito duras. Não entendemos que com isso sejam desmerecidas as experiências de anos anteriores, mas que sejam ressignificadas à luz dos apelos do DAp e principalmente a partir das realidades juvenis da contemporaneidade.

A Igreja local tem o carisma integrador da abertura a todos os jovens, especialmente aos que se encontram em situações difíceis. É ela quem deve anunciar aos jovens o amor incondicional de Deus manifestado em Jesus Cristo, que está aberto para todos os seres humanos, que se derrama sobre cada um na gratuidade de gerar a vida plena, independente de qualquer denominação religiosa ou pertença a grupo eclesial.

Essa Igreja, segundo C. Castillo renova sua opção preferencial pelos jovens junto às famílias (cf. DAp, n. 446a), expressando seu desejo de que as mesmas também façam sua opção pelos jovens, sem ter que, desde muito cedo, direcioná-los ao trabalho, ao pouco estudo, e a luta voraz pela sobrevivência. Uma opção que seja possível, em que os jovens possam estudar e amadurecer a própria vocação, dentro de um contexto de dignas condições de vida e podendo se realizar nas diversas dimensões de sua existência⁶⁰.

O então Papa, Bento XVI, no seu discurso aos jovens em São Paulo, por ocasião da conferência, assim se manifesta no que tange ao futuro das juventudes:

Muitas vezes sentimos trepidar nossos corações de pastores, constatando a situação de nosso tempo. Ouvimos falar dos medos da juventude de hoje. Revelam-nos um enorme déficit de esperança: medo de morrer, num momento em que a vida está desabrochando e procura encontrar o próprio caminho da realização; medo de sobrar, por não descobrir o sentido da vida; e medo de ficar desconectado diante da estonteante rapidez dos acontecimentos e das comunicações. Registramos o alto índice de mortes entre os jovens, a ameaça da violência, a deplorável proliferação das drogas que sacode até a raiz mais profunda a juventude de hoje. Fala-se por isso, seguidamente, de uma juventude perdida⁶¹.

Não queremos afirmar que estamos diante de “uma juventude perdida”, mas de jovens que necessitam de verdadeiros testemunhos que os encorajem na luta por um presente digno e um futuro onde caibam os seus sonhos e as suas

⁶⁰ Cf. CASTILLO, C., op. cit., p. 86.

⁶¹ BENTO XVI, *Encontro com os jovens*, 10 de maio de 2007, n. 5, Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil_po.html, Acesso em: 02 dez. 2014.

esperanças. Jovens negros, homoafetivos, pobres, indígenas, dependentes químicos, em situação de rua, e tantos outros, que trazem em si o “DNA” do Criador, precisam ser acolhidos em nossa Igreja, precisam de espaço onde suas vidas sejam valorizadas, onde sua história seja considerada local teológico de encontro com Deus. Pensar nos pobres como sacramento de Deus⁶² é também pensar nos jovens como sacramento de Deus, como manifestação constante do Mistério, sempre novo, sempre por ser mais compreendido em sua revelação. Entendemos que o DAp seja um novo impulso em nossa forma de ver os jovens, de acolhê-los, de dedicar-nos a eles, como sujeitos e objetos de nossa esperança, de nossa caminhada eclesial ao encontro do Senhor Ressuscitado que se deixa encontrar no rosto sofrido que cada ser humano, inclusive no rosto dos milhares de jovens que carregam sobre si o peso da globalização da pobreza e de todas as injustiças do poder econômico.

Bento XVI aponta para os jovens que de alguma forma pertencem à Igreja como aqueles que são responsáveis pela evangelização e acolhida dos demais jovens que, segundo o então Pontífice, perambulam como “ovelhas sem pastor” por este mundo. Vejamos:

Mas olhando para vós, jovens aqui presentes, que irradiais alegria e entusiasmo, assumo o olhar de Jesus: um olhar de amor e confiança, na certeza de que vós encontrastes o verdadeiro caminho. Sois jovens da Igreja. Por isso eu vos envio para a grande missão de evangelizar os jovens e as jovens, que andam por este mundo, errantes, como ovelhas sem pastor. *Sede os apóstolos dos jovens*. Convidai-os para que venham convosco, façam a mesma experiência de fé, de esperança e de amor; encontrem-se com Jesus, para se sentirem realmente amados, acolhidos, com plena possibilidade de realizar-se⁶³.

Compreendemos que essas palavras expressam o desejo da Igreja de acolher esses jovens que estão fora de seu redil, de apresentar-lhes Jesus Cristo, sua Boa Nova, seu desejo de vida para toda a humanidade, e por isso lhes vai ao encontro para em suas realidades, muitas vezes feridas e maltratadas, reconhecer o Cristo sofrido, e com cada um, engajar-se na luta pela vida, por seus direitos, por seus sonhos, por um mundo mais justo e fraterno para todos.

⁶² A respeito dessa questão podemos consultar: SOBRINO, J., *Fora dos pobres não há salvação*: pequenos ensaios utópico-proféticos, São Paulo, Paulinas, 2008. Para o autor, os pobres, “[...] por sua realidade crua podem produzir conversão e compaixão, e também verdade e práxis de justiça. E por seu Espírito multiforme, podem humanizar de várias formas o ar impuro que o Espírito respira” (p. 98).

⁶³ BENTO XVI, op. cit., n. 5.

Creemos que as palavras do Pontífice sejam de esperança a todas as juventudes; esperança na Igreja, em uma Igreja jovem que reconhece no semblante de cada jovem o rosto sofrido e esperançoso de Cristo, que os ama onde estão e como estão, colocando sua maternidade e pastoreio acima de regras, de qualquer mandamento que fuja àquele que é essencial, o Amor (cf. Mt 22,34-41). A Igreja jovem que vai aos jovens é desafiada a acolher Cristo que já está em cada um, em cada uma. Não queremos, enquanto Igreja, ter a pretensão de levar Deus a esses meninos e meninas, Deus está neles, em suas dores, em suas alegrias, em sua história, do contrário não seriam filhos e filhas de Deus. Cabe a nossa Igreja a humildade de reconhecer Deus nessas juventudes, e “baixar guarda” nas acusações contra as novas gerações, pois lembramos aqui que essas são espelho retrovisor da sociedade de onde provém, são o espelho retrovisor das testemunhas de fé que os antecederam.

Certamente nas palavras proferidas no discurso aos jovens, Bento XVI nos permite compreender que esses são o presente da Igreja, assim como o seu futuro. Ele afirma:

Vós, jovens, não sois apenas o futuro da Igreja e da humanidade, como uma espécie de fuga do presente. Pelo contrário: vós sois o presente jovem da Igreja e da humanidade. Sois seu rosto jovem. A Igreja precisa de vós, como jovens, para manifestar ao mundo o rosto de Jesus Cristo, que se desenha na comunidade cristã. Sem o rosto jovem a Igreja se apresentaria desfigurada⁶⁴.

Estes rostos que apresentam nossa Igreja ao mundo precisam sim ser cuidados, ter referências onde alicerçar sua própria fé; mas precisam também ser vistos como protagonistas de um novo mundo, de um caminhar a passos mais firmes e rápidos rumo à nova humanidade, onde o Reino de Deus estará sempre mais próximo de sua plenitude. Vemos que a Igreja entrega às suas juventudes uma árdua missão, ao mesmo tempo em que as quer cuidadas e acalentadas diante de todo o sofrimento que as aflige. C. Castillo nos deixa claro que esse encontro de gerações, da Igreja com os mais diversificados grupos juvenis, tem suas exigências. “O DAp quer que se empreendam ações que repercutam nas raízes dos sistemas e estruturas criados pelos interesses econômicos de alguns”⁶⁵. Com relação as responsabilidades do Estado, o DAp posiciona-se no pedido por políticas

⁶⁴ BENTO XVI, op. cit., n. 7.

⁶⁵ CASTILLO, C., op. cit., p. 87. Tradução nossa.

inclusivas e não de extermínio de crianças e jovens (cf. DAp, n. 410), na formação para o trabalho digno (cf. DAp, n. 446f), em uma nova cultura baseada no discernimento de valores mediante os meios de comunicação (cf. DAp, n. 486h) e na formação integral incluindo os valores transcendentais como compromisso também do Estado (cf. DAp, n. 481-482). Dirigindo-se à sociedade, ressalta a luta pela vida, pela dignidade e a integridade da pessoa (cf. DAp, n. 468) e as ações no terreno da cultura, ou seja, a formação ética e cristã (cf. DAp, n. 406b). Por fim, com relação à Igreja, pede que se posicione diante do problema das drogas que atingem principalmente aqueles mais feridos em suas histórias pessoais e coletivas (cf. DAp, n. 422), propondo inclusive a criação de centros eclesiais para a acolhida dos jovens em situações difíceis (cf. DAp, 437f,m).

Especificamente às pastorais da juventude, o DAp lembra algumas prioridades dos tempos atuais. Aponta para a importância de uma pastoral própria para adolescentes, diferente da que abrange os jovens (cf. DAp, n. 442). A conferência nos diz que a pastoral da juventude deve privilegiar os processos educativos e o amadurecimento na fé dos jovens (cf. DAp, n. 446d), como também dar especial atenção ao discernimento vocacional propondo o encontro com Jesus Cristo vivo (cf. DAp, n. 446c). A importância de uma formação e compromisso social e político também aparecem na pauta de prioridades de ação da pastoral da juventude (cf. DAp, n. 446e). O DAp ainda nos apresentará algumas prioridades pedagógicas da pastoral da juventude, tais como: arte e comunicação (cf. DAp, n. 449), procurar maior sintonia entre o mundo adulto e o mundo juvenil nas metodologias pastorais (cf. DAp, n. 446g) e a participação em iniciativas pastorais amplas (cf. DAp, n. 446h). Não podemos nos esquecer de que o DAp pede aos movimentos eclesiais que convidem os jovens a colocar mais generosamente suas riquezas a serviço da Igreja (cf. DAp, n. 446b), saindo do risco de uma espiritualidade intimista que pouco esteja identificada com o projeto do Reino.

Assim concluímos nossa apresentação acerca dos jovens no DAp, ressaltando as oportunidades que traz às Igrejas locais para repensarem a própria atuação em meio a essa parcela da humanidade.

Prosseguiremos apresentando os jovens na perspectiva do pontificado do Papa Francisco, com base em seus discursos e homilias feitas por ocasião da Jornada Mundial da Juventude acontecida no Rio de Janeiro em 2013.

2.3.

Em Francisco, as juventudes como esperança da Igreja e do mundo

Prosseguiremos nosso trabalho buscando nas palavras do Papa Francisco evidências acerca da esperança que a Igreja deposita nas juventudes. Poderíamos fazer a opção pelos pronunciamentos de outros Pontífices, no entanto, nossa escolha está vinculada a Jornada Mundial da Juventude 2013 que aconteceu no Rio de Janeiro e foi conduzida por Francisco. Nossas referências estão nos discursos, homilias, mensagens e orações do Pontífice durante a Jornada. Também não podemos deixar de mencionar que o pontificado de Francisco traz para a Igreja novas expectativas. Alguns teólogos já ousam elaborar comentários a respeito do tema, e temos assim possibilidades de discorrer sobre a esperança da Igreja, e porque não do mundo, a partir de Francisco. Para A. Brighenti trata-se de uma mudança que atinge muitas dimensões da Igreja, ele afirma:

Até para Bento XVI, havia chegado a hora urgente e ingente de mudanças, talvez não tantas e tão profundas como vêm sendo sinalizadas pelo novo Papa: mudança de ótica e de rumos; reformas institucionais, a começar pela cúria romana; “conversão pastoral” da Igreja como um todo, retomando a renovação do Vaticano II e da tradição da Igreja na América Latina; enfim, outro perfil de clero, sobretudo de Papa e de bispos⁶⁶.

Mudanças que causam medos e inseguranças em alguns, mas que geram esperanças em muitos outros. Assim, nossa escolha para esse tópico de nossa pesquisa dá-se também por essa novidade chamada Francisco, bispo de Roma, que sendo acolhido como esperança para a Igreja, nos fala da esperança que a Igreja deposita nos seus jovens. C. Kuzma aponta para uma renovação eclesial a partir de Francisco, uma renovação fundamentada no Concílio Vaticano II, que resgata a Igreja como mistério, isto porque nasce do coração de Cristo, vem e recebe sua missão de Deus e é conduzida pelo Espírito Santo, e como povo de Deus, não mais com estrutura piramidal, mas de comunhão com todos os batizados que no Cristo vivem seu ministério⁶⁷. Os jovens são parte dessa Igreja, neles está à esperança de uma Igreja em saída, de uma Igreja missionária comprometida com todos, comprometida com o mundo e suas realidades, assim

⁶⁶ BRIGHENTI, A., *Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha*, In: SILVA, J. M. (org.), *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um Papado*, p. 14.

⁶⁷ Cf. KUZMA, C., *Cantar com Francisco! Provocações eclesiológicas a partir da Evangelii Gaudium*, In: AMADO, J. P., FERNANDES, L. A. (orgs.), *Evangelii Gaudium em questão*, p.205.

“somos todos chamados a esta nova saída missionária” (EG, n. 20). Vemos neste pontificado o esforço por ter uma Igreja aberta ao novo, capaz de iluminar os novos desafios contando com a força de todos os batizados, fazendo com que:

[...] a Igreja seja a luz dos povos, *Lumen Gentium* (LG 1), assumindo suas tristezas e as angústias do mundo (GS 1), pois desta maneira, ecoando estas novas realidades no coração dos que creem, ela poderá dar ao mundo a razão de sua Esperança, do seu anúncio, repleto de Alegria, *Evangelii Gaudium*⁶⁸.

A Igreja é sempre mais chamada a sair, a estar em saída, a despojar-se do poder e revestir-se do serviço, a abraçar o corpo sofredor de Cristo nos irmãos e irmãs que se encontram nas mais diferentes realidades de miséria. Essa é a Igreja que Francisco quer apresentar ao mundo, uma Igreja transbordante de misericórdia, cujo olhar assemelha-se ao de Deus, um olhar terno e compassivo para com os menos favorecidos, portadora de uma esperança ativa que vai ao encontro do outro para devolver-lhe a dignidade, fazê-lo protagonista de sua história, dando ao mundo vida em abundância em Cristo. Em Francisco reencontramos o apelo de estarmos nos novos areópagos, nas periferias do mundo, nas periferias da existência, eis que ele nos diz: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, n. 49). Assim:

A Igreja “em saída” também será uma Igreja mãe de portas abertas (EG 46). Uma casa paterna/materna, ao modo da casa do “filho pródigo” (cf. Lc 15,11-32), que está aberta para acolher a todos e, na abertura, coloca-se em sinal de espera, de atenção a tudo o que circunda o seu existir. Não se trata de uma espera passiva, mas ativa, inquieta, que se antecipa ao encontro e vai em direção dos que mais precisam e estão fatigados pelo cansaço da vida (cf. Mt 11,28). É a Igreja mãe que sai e se dispõe a enxugar as lágrimas, a curar as feridas, a dar consolo e abrigo, fazendo da sua casa a casa de todos. A Igreja entendida como mãe não julgará aqueles que dela se aproximam, pois não é a este fim que ela foi enviada, mas para acolher no mesmo amor que a impulsiona, que regenera e que faz novas todas as coisas (cf. Ap 21,5). A Igreja “não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigosa” (EG 47)⁶⁹.

É neste contexto de Igreja que nossas juventudes encontram seu espaço e sua valorização. É num contexto de acolhida, compreensão e misericórdia que podem ser reconhecidos em suas realidades, sem julgamentos ou condenações,

⁶⁸ KUZMA, C., op. cit., p.199.

⁶⁹ Ibid., p.204.

mas acolhidos na esperança, acolhidos na gratuidade, e também impulsionados ao protagonismo da construção de um mundo mais justo para todos. É nesse contexto que ouvimos as palavras do Papa Francisco diretamente as juventudes durante a Jornada Mundial da Juventude 2013. Ainda na viagem de vinda para o Brasil, o Papa, em entrevista aos repórteres no avião, manifestou o desejo de encontrar com os jovens em suas realidades, na sociedade em que estão inseridos, revelando-nos a importância de vê-los a partir de todas as dimensões da existência e não de modo estanque em uma ou outra realidade. Ele nos diz:

Esta primeira viagem tem em vista encontrar os jovens, mas não isolados da sua vida; eu queria encontrá-los precisamente no tecido social, em sociedade. Porque, quando isolamos os jovens, praticamos uma injustiça: despojamo-los da sua pertença. Os jovens têm uma pertença: pertença a uma família, a uma pátria, a uma cultura, a uma fé... Eles têm pertença, e não devemos isolá-los!⁷⁰

Essa afirmação reconhece a multiplicidade de realidades nas quais estão inseridas as juventudes, reconhece a importância de abraçar os jovens em meio a tantas diversidades que lhe caracterizam, a não deixar de pisar o chão em que pisam, conhecendo suas histórias, seus sonhos, seus medos, enfim, tudo o que são e aí sim o que poderão tornar-se. Francisco nos diz que esses jovens, com suas realidades são não apenas esperança e futuro da Igreja, mas que “eles são verdadeiramente o futuro de um povo”⁷¹. Entende que um povo vai adiante quando acolhe e investe em suas juventudes, pois deles vêm à força e a inovação que a sociedade necessita.

Francisco nos diz mais, nos diz que Cristo “bota fé” nos jovens, que Cristo tem esperança nas juventudes, que lhes confia o futuro de sua própria causa⁷². Cristo pede aos jovens não apenas que sejam discípulos-missionários, mas que também façam discípulos. Cristo pede e espera que sejam verdadeiros discípulos na Igreja e na sociedade onde estão inseridos, que sejam verdadeiros agentes de transformação, que tenham a coragem e a ousadia de levarem adiante os valores cristãos, fazendo com que o Reino aconteça a cada dia até a sua plenitude. Apostar no jovem, apostar nas diversas juventudes, é acreditar no presente que eles significam e acreditar no futuro que chega por meio deles. Acolhê-los,

⁷⁰ FRANCISCO, *Encontro com os jornalista durante o voo para o Brasil*, 22 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 11.

⁷¹ *Ibid.*, loc. cit.

⁷² Cf. *Id.*, *Cerimônia de boas-vindas, discurso do santo padre Francisco*, 22 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 17.

revesti-los de dignidade, reconhecer seu potencial e seu protagonismo, é favorecer a chegada do futuro, é preparar um tempo de graça para toda a humanidade. Sim, as juventudes são as “janelas” por onde nos vem o futuro, porém é necessário entendermos, e Francisco nos ajuda nessa tarefa, pois se essas janelas estiverem “sujas e quebradas” a entrada do futuro estará comprometida. O Papa nos alerta para os cuidados que devemos manter com as juventudes:

A juventude é a janela pela qual o futuro entra no mundo. É a janela e, por isso, nos impõe grandes desafios. A nossa geração se demonstrará à altura da promessa contida em cada jovem, quando souber abrir-lhe espaço. Isso significa: tutelar as condições materiais e imateriais para o seu pleno desenvolvimento; oferecer a ele fundamentos sólidos, sobre os quais construir a vida; garantir-lhes segurança e educação para que se torne aquilo que ele pode ser; transmitir-lhe valores duradouros pelos quais a vida mereça ser vivida; assegurar-lhes um horizonte transcendente que responda à sede de felicidade autêntica, suscitando nele a criatividade do bem; entregar-lhe a herança de um mundo que corresponda à medida da vida humana; despertar nele as melhores potencialidades para que seja sujeito do próprio amanhã e corresponsável do destino de todos. Com essas atitudes precedemos hoje o futuro que entra pela janela dos jovens⁷³.

Sim, precedemos hoje o futuro que entra pela janela dos jovens. Somos responsáveis por esses que constituem a esperança da Igreja e da sociedade. Somos responsáveis pelo presente que os abraça ou rechaça, somos responsáveis pelo melhor potencial desenvolvido ou pelas sombras que os sufocam e deságuam sobre a realidade social. Não podemos projetar um futuro maravilhoso entrando pelas janelas de nossas juventudes, se o presente estiver coberto de “sangue”, de violências físicas, morais ou simbólicas, que tiram de tantas juventudes o direito de viver. Se a Igreja de fato quer que essas juventudes lhes sejam um futuro que, no presente antecipem o Reino, deve cuidar delas, deve desempenhar sua vocação materna de cuidar, de proteger, de ensinar a caminhar e incentivar passos de liberdade rumo às realizações de seus sonhos.

Transmitir aos jovens os valores que os ajudarão a construir um mundo mais justo é compromisso das gerações que os precedem. Para que isso aconteça Francisco exorta a Igreja e o mundo a conservar a esperança: “Nunca percamos a esperança! Nunca deixemos que ela se apague em nossos corações. [...] Deus é a nossa esperança!”⁷⁴. Mesmo que o poder da morte se apresente com força em

⁷³ Ibid., p. 19.

⁷⁴ Id., *Santa missa na basílica do santuário nacional de nossa Senhora Aparecida, homília do santo padre*, 24 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 23.

meio à cultura do descartável que está tão forte na sociedade, a Deus pertence a “última palavra”, Ele sempre vem ao encontro da humanidade e não deixa que o mal seja definitivo. Mesmo que ídolos queiram ocupar o lugar da verdadeira esperança, cabe aos adultos testemunharem que Deus permanece sempre fiel, nunca abandona seu povo, caminha lado a lado com a humanidade, fortalecendo a esperança da plenitude do Reino. Para tanto precisamos de cristãos capazes de serem “luzeiros de esperança”⁷⁵, para que a esperança não se apague nos jovens corações e sejam sempre mais esperança para a Igreja e para o mundo.

Homens e mulheres de esperança sabem e testemunham que Deus é fiel, ouve os clamores do povo, permanece ao lado das vítimas, e surpreende sempre. É Ele quem nos dá o “vinho da esperança”⁷⁶, que não deixa que se apague as luzes da festa, pois ela ainda não está concluída, a melhor parte está por chegar, e Ele quer que a esperemos alegres, vivenciando tudo o que pudermos daquilo que aguarda ativamente sua completude. Esse testemunho pode alimentar a esperança das novas gerações, é para eles que a Igreja deve testemunhar a verdadeira esperança, pois por meio deles o Reino continuará entrando no mundo. Cristo é a fonte dessa esperança, “o discípulo sabe que sem Cristo não há luz, não há esperança, não há amor, não há futuro”⁷⁷.

O Papa Francisco demonstra grande preocupação com as novas gerações. Não quer que percam a oportunidade de ter Cristo como sua verdadeira esperança, por isso exorta a Igreja a ser portadora da esperança. Suas palavras são fortes, mas incentivam a caminhada daqueles que querem levar adiante a missão de Cristo em meio a humanidade, vejamos: “Não deixem que lhes roubem a esperança! Não deixem que lhes roubem a esperança! Mas digo também: Não roubemos a esperança, pelo contrário, tornemo-nos todos portadores de esperança!”⁷⁸. Não roubar a esperança das juventudes, não deixá-las à margem da Igreja, acolhê-las em suas realidades e deixá-las encontrar na Igreja a ternura divina, o espaço do amor e não da condenação, o espaço da acolhida afetuosa, da liberdade, do ensinamento, do crescimento, enfim, o espaço onde se sintam aceitos em suas

⁷⁵ Ibid., p. 24.

⁷⁶ Ibid., p. 25.

⁷⁷ BENTO XVI, *Discurso inaugural da conferência de Aparecida*, In: FRANCISCO, *Santa missa na basílica do santuário nacional de nossa senhora Aparecida, homília do santo padre*, 24 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 26.

⁷⁸ FRANCISCO, *Palavras improvisadas do santo padre depois da missa na basílica de nossa Senhora Aparecida*, 24 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 32.

realidades e tenham incentivos para alimentar seus sonhos e encontrar ânimo para dedicar-se à construção da verdadeira civilização do amor. O Papa nos lembra que saber acolher é muito mais importante que qualquer enfeite ou decoração⁷⁹, então acolher os jovens é um bom princípio de mútuo conhecimento, de espaço criado para que possam ficar e sentir-se Igreja. Essa acolhida exige despojamento da própria Igreja, inclusive de seus pastores, exige que se “tire as sandálias”, pois estamos pisando em um lugar sagrado e muitas vezes desconhecido, onde Deus se faz presente.

A esperança do Papa Francisco nas juventudes está expressa também por suas expectativas como consequência da própria Jornada Mundial da Juventude 2013. Eis o que nos diz o Pontífice:

Espero que façam barulho. Que aqui farão barulho, sem dúvida. Que aqui no Rio de Janeiro farão barulho, farão certamente. Mas quero que se façam ouvir também nas dioceses, quero que saiam... Quero que a Igreja saia às ruas, quero que nos defendamos de tudo que seja mundanismo, do que seja instalação, do que seja comodidade, do que seja clericalismo, do que seja estar fechados em nós mesmos⁸⁰.

Vemos nas palavras do Pontífice a esperança de que com as novas gerações a Igreja viva sempre mais sua missionariedade, saia de suas estruturas e coloque-se a caminho, indo ao encontro de toda a humanidade. Uma Igreja em saída, uma Igreja sempre peregrina, uma Igreja que esteja em meio à humanidade para mostrar-lhe o rosto de Cristo, é isso que o santo padre espera das juventudes. Ele revela-nos essa belíssima face da Igreja que espera dos jovens: o protagonismo no processo do anúncio de Jesus Cristo. Ele quer jovens que sejam jovens, que se façam ouvir, que tenham a ousadia dos jovens profetas, a ousadia do jovem de Nazaré que revolucionou a história da humanidade. Esperar que façam barulho, que não se calem, é acreditar que por meio de cada um deles(as) Deus irá surpreender a humanidade, não deixando engessar-se sua mensagem e sua promessa, mas cumprindo-a sempre por meio de homens e mulheres, rapazes e moças de esperança. Para isso, “os jovens têm de sair, têm de se fazer valer [...]”⁸¹, precisam conhecer a dignidade de sua vocação, de serem cocriadores junto ao Criador, de serem sacerdotes, profetas e reis, pertencentes ao povo escolhido,

⁷⁹ Cf. FRANCISCO, *Visita a comunidade de Varginha, discurso do santo padre*, 25 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 38.

⁸⁰ Id., *Encontro com os jovens argentinos na catedral de São Sebastião, palavras do santo padre Francisco*, 25 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 44.

⁸¹ Ibid., p. 45.

capacitados pelo Espírito Santo para cumprir sua missão, e não simples receptáculos de ensinamentos.

Podemos dizer que a Igreja, por meio do Papa Francisco, espera que os jovens façam-se ouvir, que não peguem da fé apenas o que lhes convém, mas que tenham nas bem-aventuranças e em Mateus 25 seu programa de ação⁸². Logo a esperança depositada nas juventudes fala de uma Igreja em saída, que a exemplo de Jesus, esteja em meio ao povo, dando-lhes de beber, de comer, vestindo-os, curando-os, visitando-os em suas mais diversificadas prisões. A Igreja deposita nos jovens a esperança que antecipa o Reino, a esperança que não aguarda o futuro para traduzir-se em vida, mas que no presente é o Reino do Senhor acontecendo. Espera que os jovens revelem a beleza do rosto jovem de Cristo ao mundo, do Cristo vivo que habita em cada um, do Cristo que faz crescer neles as asas da esperança⁸³, faz crescer a liberdade dos filhos e filhas de Deus para que caminhem na direção daquele que é a verdadeira esperança. Em Francisco a Igreja encoraja as juventudes a persistir no caminho, e diz:

“Ponha Cristo” em sua vida e encontrará um amigo em quem confiar sempre; “ponha Cristo” e verá crescer as asas da esperança para percorrer com alegria o caminho do futuro; “ponha Cristo” e sua vida estará repleta de seu amor, será uma vida fecunda. Porque todos nós queremos ter uma vida fecunda. Uma vida que dê vida a outros⁸⁴.

A Igreja deposita nos jovens a esperança de cristãos maduros na fé, que alimentados pela verdadeira esperança possam ser esperança para todos, que repletos de vida sejam fecundidade de vida para a humanidade, que encontrem em Cristo os fundamentos para a própria existência, que tenham viva a convicção de que Jesus os espera e conta com cada um. Francisco lembra a Igreja que os jovens são esperança do povo, “os jovens porque carregam a força, o sonho, a esperança do futuro”⁸⁵, se assim são reconhecidos diante do povo, não pode ser diferente diante da Igreja que é o povo de Deus. As afirmações do Papa desinstalam, fazem com que os pastores da Igreja e seus agentes pastorais saiam ao encontro do futuro, não se fechem a ele, isto é, saiam ao encontro das juventudes, estejam

⁸² Cf. *Ibid.*, p. 46.

⁸³ Cf. *Id.*, *Festa de acolhida dos jovens, saudação e homilia do santo padre*, 25 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 49-55.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 55.

⁸⁵ *Id.*, *Encontro com o episcopado brasileiro, discurso do santo padre*, 27 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 86.

abertos ao novo que com os jovens pode nascer na Igreja, não se acomodem diante de seus sofrimentos e desesperanças, pois eles são Igreja de Jesus Cristo, são o rosto jovem de Cristo a trilhar novos rumos onde a Igreja de hoje precisa estar presente se quiser cumprir o mandato de Jesus de ir por todos os lugares anunciando o evangelho e promovendo a vida a cada criatura. O Papa insiste em afirmar que Cristo continua precisando dos jovens para sua Igreja, que não tenham medo do protagonismo, da ousadia, que:

Chutem para frente, construam um mundo melhor. Um mundo de irmãos, um mundo de justiça, de amor, de paz, de fraternidade, de solidariedade. Joguem para frente. São Pedro nos diz que somos pedras vivas que formam uma casa espiritual (cf. 1Pd 2,5). E olhemos este palco, vemos que tem forma de uma Igreja construída com pedras vivas. Na Igreja de Jesus, as pedras vivas somos nós, e Jesus nos pede que edifiquemos sua Igreja [...] ⁸⁶.

Nas palavras do Pontífice vemos a esperança de que outros jovens, assim como o de Assis, se disponham a reparar a Igreja de Jesus Cristo, a renová-la sempre nos fundamentos evangélicos. O Papa sabe que o coração das juventudes almeja um mundo melhor, sabe que querem ser protagonistas de mudança, que buscam uma civilização mais justa e fraterna. O santo Padre assim se expressa:

O coração de vocês, coração jovem, quer construir um mundo melhor. Acompanho as notícias do mundo e vejo que tantos jovens, em muitas partes do mundo, saíram pelas ruas para expressar o desejo de uma civilização mais justa e fraterna. Os jovens na rua. São jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixem que outros sejam os protagonistas da mudança. Vocês são os que têm o futuro. Vocês... Por vocês entra o futuro no mundo. A vocês peço que também sejam protagonistas dessa mudança. Continuem superando a apatia e oferecendo uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que vão se levantando em diversas partes do mundo. Peço-lhes que sejam construtores do futuro, que se metam no trabalho por um mundo melhor ⁸⁷.

Não cessa de confirmar a esperança da Igreja e da sociedade nas juventudes, não cessa de dizer-lhes o quanto acredita em cada um, e incentiva-os a percorrer os caminhos de Jesus Cristo em meio à humanidade, fazendo com que o Reino vá acontecendo até o dia de sua plenitude. O Pontífice sabe que as juventudes são “os atletas de Cristo”, os construtores de uma Igreja mais bela e de um mundo

⁸⁶ Id., *Vigília de oração como os jovens, discurso do santo padre Francisco*, 27 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 117.

⁸⁷ Ibid., p. 118-119.

melhor⁸⁸. Para que os jovens possam viver essa missão que Cristo lhes confia, faz-se necessário que a “Igreja adulta” esteja ao seu lado, lhes ofereça “seu coração, seu abraço, sua escuta, seu testemunho, sua orientação”, enfim, seja verdadeira Mãe e Pastora, para que seus filhos e filhas reconheçam a voz do Senhor que chama e não se deixem vencer pelo medo de dar-lhe seu “sim”. O Papa pede: “Por favor, continuem acompanhando-os com generosidade e alegria, ajudem-lhes a se comprometer ativamente na Igreja; que nunca se sintam sós”⁸⁹.

Em seus discursos, Francisco exorta a Igreja a ser testemunha de esperança para as novas gerações. Ele sabe que essa esperança que a Igreja deposita nos jovens não se concretizará se esses mesmos jovens não forem alimentados na esperança, se não forem abraçados pelo testemunho daqueles que desempenham o serviço de pastores de um povo. Exorta a Igreja a não perder sua esperança, a não deixar de acreditar que Deus vem por meio de suas juventudes, que são eles que recebem a herança da fé e a passarão adiante, não deixando que se apague no mundo a “luz que é Cristo”, não deixando que os valores evangélicos sejam suprimidos pela cultura de morte que ronda a humanidade.

Enfim, concluímos esse primeiro capítulo, que teve como objetivo apresentar alguns aspectos da esperança da Igreja nas novas gerações. Nos capítulos seguintes entenderemos melhor quem são esses nos quais a Igreja deposita sua esperança e qual o rosto dessa esperança depositada nos jovens.

⁸⁸ Cf. *Ibid.*, p. 119.

⁸⁹ *Id.*, *Santa missa para a XXVIII jornada mundial da juventude, homilia do santo padre*, 28 de julho de 2013, In: *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, p. 125.